



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL**

**THIAGO DE SOUSA AMORIM**

**ACOMODAÇÃO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA NA FALA DE GAÚCHOS EM  
SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL COM TERESINENSES**

**TERESINA (PI)**

**2019**

**THIAGO DE SOUSA AMORIM**

**ACOMODAÇÃO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA NA FALA DE GAÚCHOS EM  
SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL COM TERESINENSES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), na área de concentração em Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

Coorientadora: Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho.

**TERESINA (PI)**

**2019**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Divisão de Processos Técnicos

A524a Amorim, Thiago de Sousa.

Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresineses. / Thiago de Sousa Amorim. – 2019.

109 f. il

Dissertação ( Mestrado ) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Mestre em Letras, Teresina, 2018.

“Orientação: Profª. Drª. “ Catarina de Sena Serqueira Mendes da Costa ”

1. Dialeto gaúcho. 2. Acomodação dialetal. 3. Vogais médias pretônicas I. Título.

CDD 469.798

**THIAGO DE SOUSA AMORIM**

**ACOMODAÇÃO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA NA FALA DE GAÚCHOS EM  
SITUAÇÃO DE CONTATO DIALETAL COM TERESINENSES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), na área de concentração em Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

APROVADA EM: 11 / março / 2019.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (UFPI)  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Magalhães Neto (UESPI)  
(Membro avaliador)

---

Profa. Dra. Iveuta de Abreu Lopes (UFPI)  
(Membro avaliador)

**TERESINA (PI)**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser essencial em minha vida, meu guia, autor de meu destino e permitir que eu concluísse mais este ciclo, dando-me fortaleza nas horas de angústia.

A meus pais, avós e irmãos que, com muito carinho e apoio, sempre acreditaram na possibilidade de realização de mais este sonho.

À minha querida e estimada orientadora, a Profa. Dra. Catarina de Sena, pelo acompanhamento nesta jornada, incentivo, confiança e fornecimento de material para a concretização deste trabalho. Sou grato, também, pelo empenho em ajudar na pesquisa e pela amizade sincera.

À minha querida Coorientadora, a Profa. Dra. Lucirene Carvalho, um exemplo de profissional e amiga, muito obrigado por me introduzir nas pesquisas sociolinguísticas, motivo pelo qual estou aqui, hoje.

Aos amigos de todas as horas, Lanna Caroline, Herbert Silva, Rômulo Silvestre, José Mágnio, Justina Nepomuceno, Laianni Góis e Thiago Vasconcelos, Thiago Felício, obrigado pela calorosa amizade e por fazerem parte de minha vida.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante esses dois anos, pelo incentivo e motivação. Obrigado por abrilhantarem ainda mais a minha vida, Célia Araújo, Carol Moura, Carol Áurea, Annie Caroline, Isael Sousa, Erikson Diniz, Valdisneia Lúcia, Keyla Pimentel e Thalita Arré.

Aos amigos Raimundo Nonato e Gervásio Dias, pela inestimável ajuda que a mim foi concedida para a elaboração deste estudo. Vocês são topíssimos, obrigado por existirem na minha vida.

À CAPES, pela concessão de bolsa.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), por oportunizar um curso de Mestrado e a realização de trabalhos como este.

Aos membros examinadores da banca pelas contribuições, a Profa. Dra. Iveuta Lopes, que vem colaborando desde o projeto e o Prof. Pedro Magalhães Neto, pelo aceite do convite e pelas apreciações relevantes, para a defesa final.

Aos informantes gaúchos pela participação na pesquisa. Agradeço pela receptividade e acolhimento.

## RESUMO

O presente estudo visa investigar o processo de acomodação da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de gaúchos em contato dialetal com teresinenses, a fim de descrever as atitudes linguísticas dos informantes com relação ao novo dialeto de contato e analisar fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a implementação da acomodação da abertura das vogais médias pretônicas, bem como os eventos de fala entre o gaúcho e o teresinense. Para tanto, o aporte teórico-metodológico necessário depende das contribuições da Teoria da Acomodação da Comunicação, de Giles e Ogay (2007), em consonância com a Sociolinguística Variacionista Labov (2008, [1972]) e com a Etnografia da Fala, de Hymes (1976). O tratamento das vogais tem como base os trabalhos de Camara Jr. (2007), Noll (2008), Battisti; Vieira (2010) e Bisol (2014). A investigação é pautada em uma pesquisa de campo, com orientação etnográfica, cujo *corpus* é constituído de entrevistas realizadas com 6 (seis) informantes gaúchos, que residem em Teresina, há no mínimo 2 (dois) anos. A técnica e o procedimento de análise utilizados foram uma adaptação de Marques (2006). Por conseguinte, usou-se a abordagem quantitativa, com o auxílio do Goldvarb X, para mensurar os dados e a abordagem qualitativa, para interpretá-los, em que se consideram, dentro do viés da acomodação, as atitudes linguísticas que os falantes gaúchos dispensam à nova situação de contato dialetal e os eventos decorrentes do contato em situação comunicativa. Os resultados da pesquisa revelam que os falantes gaúchos não acomodaram a pronúncia das vogais médias pretônicas faladas por teresinenses, na situação de contato dialetal.

**Palavras-chave:** Dialeto gaúcho e teresinense. Acomodação dialetal. Vogais médias pretônicas.

## ABSTRACT

The present study aims to investigate the process of accommodation of the opening of the pre-vowel vowels /e/ and /o/ in the speech of gauchos in dialectal contact with Teresinenses, in order to describe the informants' linguistic attitudes towards the new dialect of contact and to analyze linguistic and extralinguistic factors that condition the implementation of the accommodation of the pre-vowel middle vowels, as well as the speech events between the Gaucho and Teresina. To that end, the theoretical-methodological contribution required depends on the contributions of Giles and Ogay Communication Accommodation Theory (2007), in agreement with the Sociolinguistic Variation Labov (2008, [1972]) and Hymes Ethnography of Speech (1976). The treatment of the vowels is based on the works of Camara Jr. (2007), Noll (2008), Battisti; Vieira (2010) and Bisol (2014). The research is based on a field research, with ethnographic orientation, whose corpus is constituted of interviews with 6 (six) informants from Rio Grande do Sul, residing in Teresina, for at least 2 (two) years. The technique and the analysis procedure used will be an adaptation of Marques (2006). Therefore, the quantitative approach, with the aid of Goldvarb X, is used to measure the data and the qualitative approach to interpret them, considering the linguistic attitudes that the Gaucho speakers dispense with to the new situation of dialectal contact and the events resulting from contact in a communicative situation. The results of the research reveal that the Gauchos speakers did not accommodate the pronunciation of the pre-vowel vowels spoken by Teresinenses, in the situation of dialectal contact.

**Keywords:** Gaucho and Teresinenses dialect. Accommodation dialect. Vowels average pretonic.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema vocálico tônico do português brasileiro.....	29
Quadro 2 – Sistema vocálico tônico diante de nasais .....	30
Quadro 3 – Vogais pretônicas .....	31
Quadro 4 – Informantes .....	50
Quadro 5 – Exemplo de variação da vogal média pretônica /e/ em pauta pretônica.	59
Quadro 6 – Realização das vogais médias pretônicas no evento de fala 1 .....	86
Quadro 7 – Realização das vogais médias pretônicas no evento de fala 1 .....	89



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Vogal da sílaba subsequente .....	58
Tabela 2 – Contexto fonológico subsequente .....	61
Tabela 3 – Vogal da sílaba subsequente .....	62
Tabela 4 – Contexto fonológico precedente.....	63
Tabela 5 – Estilo.....	63

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acomodação da vogal média pretônica /e/ .....	57
Gráfico 2 – Acomodação da vogal média pretônica /o/ .....	60

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO .....	16
2.2 A TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO .....	19
<b>2.2.1 Atitudes linguísticas: linguagem e identidade</b> .....	<b>23</b>
2.3 ETNOGRAFIA DA FALA .....	28
2.4 O SISTEMA VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	29
<b>2.4.1 As vogais médias pretônicas</b> .....	<b>31</b>
2.4.1.1 <i>O comportamento das vogais médias pretônicas em contextos de fala brasileiros</i> .....	<b>34</b>
<b>3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b> .....	<b>47</b>
3.1 METODOLOGIA .....	47
3.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS .....	47
3.3 CENÁRIO DA PESQUISA: DIALETOS EM CONTATO E INFORMANTES .....	49
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....	50
3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS .....	52
<b>3.5.1 Análise qualitativa</b> .....	<b>52</b>
<b>3.5.2 Análise quantitativa</b> .....	<b>54</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>56</b>
4.1 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS .....	56
4.2 TRATAMENTO QUALITATIVO DOS DADOS .....	64
<b>4.2.1 Atitudes linguísticas dos falantes</b> .....	<b>64</b>
<b>4.2.2 Excertos de eventos de fala</b> .....	<b>84</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>94</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>98</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma grande extensão territorial, que é marcada por variados jeitos de falar. Partindo desse pressuposto, lançamos um olhar sobre dois dialetos brasileiros, o gaúcho e o teresinense, com vistas a investigar acerca das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

As vogais médias na pauta pretônica no português do Brasil têm despertado o interesse de estudo de muitos pesquisadores da área da Linguística. A este respeito, Chaves (2014), percorre quase todas as regiões do Brasil, de forma a elaborar um panorama de pesquisas que foram realizadas entre o final da década de 1970 e o ano de 2012. Entre as investigações, encontram-se 31 (trinta e uma) dissertações de mestrado e 10 (dez) teses de doutorado, cujo foco de estudo foram as vogais médias pretônicas.

A respeito das vogais médias em posição pretônica realizadas por falantes teresinenses, à luz da sociolinguística variacionista, tema desta dissertação, destacamos a tese de doutorado de Silva (2009), intitulada: *As pretônicas no falar teresinense*. É um trabalho pioneiro sobre o assunto na variedade de Teresina, que serviu como fonte de inspiração para a realização deste e que será melhor descrito na seção de revisão de literatura.

Desta maneira, observamos a preocupação em se investigar a língua na perspectiva da Teoria da Variação, muitas vezes atrelada a outras teorias, a fim de dar sustentação em nível teórico e metodológico ao objeto em questão. Isso posto, ficou demonstrado que pesquisadores já deram passos científicos significativos neste assunto, por meio de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Contudo, sentimos a necessidade de mais investigações sociolinguísticas que ponham em evidência o falar piauiense, bem como de um Atlas Linguístico do Piauí, que viabilize uma melhor descrição desta realidade linguística, a considerar a variação diatópica e os aspectos sociais que gravitam em torno da língua. Neste aspecto, muitos estudos dialetológicos e sociolinguísticos vêm sendo desenvolvidos e têm dado colaborações significativas na produção científica, uma vez que, com o auxílio da geolinguística, Atlas Linguísticos brasileiros se constituíram, como é o caso do Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Linguístico da Paraíba, Atlas Linguístico de Sergipe, Atlas Linguístico do Paraná, Atlas Linguístico do Ceará, dentre outros que já alcançaram a sua formação.

O tema desta dissertação versa sobre as vogais médias em posição pretônica, estudadas nos moldes labovianos, sob orientação da Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles e Ogay (2007)<sup>1</sup> e da Etnografia da Fala de Hymes (1976). Na variedade do português brasileiro, considerando as suas fronteiras dialetais, tais vogais podem ocorrer pelo abaixamento, fechamento e alteamento.

Na delimitação do tema, estudamos, porém, o abaixamento e o fechamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em razão de a Teoria da Acomodação da Comunicação sugerir que se estude fenômenos linguísticos divergentes entre dialetos de uma língua ou entre línguas diferentes, de modo a analisar o processo de acomodação dos falantes em nova situação de fala, a partir da avaliação que faz a respeito das variedades de contato, mesmo que inconscientemente, desdobrando-se nas atitudes linguísticas que muito influenciam o processo. Neste aspecto, baseamos-nos em Silva (2009), ao acrescentar que o abaixamento das vogais médias em pauta pretônica, como ocorre em *p[ɛ]rgunta* e *j[ɔ]rnal*, é a regra padrão do falar teresinense, ao tempo em que o fechamento, como ocorre em *p[e]rgunta* e *j[o]rnal*, é a regra padrão do falar gaúcho.

Assim, consideramos como um ponto de divergência linguística entre o falar teresinense e o gaúcho a pronúncia da vogal média pretônica, considerando que, enquanto um tende a abaixá-la o outro tende a fechá-la. Não consideramos, pois, o alteamento da vogal, em razão de ser uma marca comum a todos os falares do Brasil, como asseveram Barbosa da Silva (1991), Silva (2009) e Bisol (2014).

A escolha por este tema se justifica pela necessidade de se estudarem características linguísticas sujeitas à variação entre dois dialetos, visto que há poucas pesquisas no Brasil que evidenciem um fenômeno linguístico na perspectiva da Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles e Ogay (2007), em consonância com a Sociolinguística de Labov (2008 [1972]) e a Etnografia da Fala de Hymes (1976), sobretudo na cidade de Teresina. À vista disso, entender a variação linguística na perspectiva laboviana é ir além dos dados de fala, é correlacionar a língua dos informantes à sociedade na qual eles estão inseridos. Então, unindo essas duas teorias, cremos que fizemos a escolha adequada para tentar explicar a correlação entre língua e sociedade, conseqüente ao fenômeno que elegemos.

---

<sup>1</sup> O surgimento da Teoria da Acomodação da Comunicação é proveniente da década de 1970, cujo precursor foi Giles. Contudo, utilizamos em nossa pesquisa, os estudos de Giles e Ogay (2007), que trazem uma revisão mais recente sobre a teoria.

Do ponto de vista acadêmico-social, a proposta de pesquisa é relevante por tratar da Sociolinguística Quantitativa Laboviana e da Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles e Ogay (2007) e da Etnografia da Fala de Hymes (1976), na tentativa de realizar uma correlação entre falantes possuidores de naturalidades distintas, de maneira a dar ênfase ao quesito que trata sobre as relações de identidade entre ambos e ao fator sociocultural. Para tanto, a pesquisa inclui uma reflexão sobre questões que digam respeito ao relacionamento entre a língua e os indivíduos, corroborando as avaliações e atitudes linguísticas de cada envolvido na coleta dos dados.

Acreditamos que nossa pesquisa possa contribuir para a comunidade acadêmica e sua formação sociolinguística, de forma a fomentar debates e incitar novas pesquisas na presente área. Além do mais, acreditamos que as investigações sociolinguísticas cumprem um papel preeminente na esfera social, como forma de contribuir para a diminuição de atitudes estigmatizantes com relação aos dialetos diversos, demonstrando que variação linguística são diferentes maneiras de dizermos uma mesma coisa, assim não há uma que se sobreponha à outra.

Para o desenvolvimento da pesquisa elencamos o seguinte objetivo geral: investigar o processo de acomodação dialetal das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses.

Para nortear o objetivo mais amplo, elaboramos os específicos: identificar os fatores que contribuem para a implementação do processo de acomodação dialetal no falar do gaúcho em contato com teresinenses; descrever e analisar as atitudes linguísticas dos informantes com relação ao novo dialeto, bem como o grau de identificação entre a sua cultura de origem e a nova, de modo que se possa ter uma visão mais sistemática sobre os contextos que propiciam o processo de acomodação do fenômeno estudado entre as duas variedades.

Na perspectiva da Sociolinguística, a língua é caracterizada como um organismo vivo, heterogêneo e dinâmico. Neste sentido, não nos surpreende a possibilidade de ocorrerem variações e mudanças dentro do sistema de fala, coordenado pelos seus utentes. Para tanto, os fenômenos linguísticos que acontecem nesses processos, recebem influências de determinados fatores, a depender dos aspectos socioculturais inerentes aos indivíduos e ao meio em que estão inseridos.

Assim, a língua recebe uma nova roupagem se for comparada com os pressupostos saussurianos, em que era considerada homogênea e imutável, além de ser estudada em si mesma e por si mesma, caracterizando a imanência da língua.

Este trabalho trata, especificamente, das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica faladas por gaúchos residentes em Teresina-PI. Fizemos uma abordagem sociolinguística no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando as diferenças dialetais existentes entre essas variedades de fala, a fim de observar a acomodação quando houver o abaixamento das vogais.

Escolhemos esse fenômeno por ser uma marca linguística que diferencia os falares de gaúchos e teresinenses. A este respeito, Silva (2009, p. 19) confirma que “[...] as vogais médias /e, o/, em relação ao grau de abertura, tomaram rumos distintos: as regiões sul e sudeste do Brasil privilegiaram-nas fechadas, enquanto o Norte e Nordeste privilegiam-nas abertas”.

Do ponto de vista teórico, elencamos a Teoria da Variação, sob o viés laboviano, a Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles e Ogay (2007) e a Etnografia da Fala de Hymes (1976). Nessa direção, surgem os primeiros questionamentos: Existe um processo de acomodação relativo às vogais médias em posição pretônica entre os falantes gaúchos que vivem em contato dialetal com teresinenses? Se sim, quais fatores linguísticos e sociais são preponderantes nesse processo?

Esta pergunta é o ponto de partida para a nossa pesquisa, nesse caminho, analisamos as falas dos informantes, a fim de verificar se há ou não um processo de acomodação com relação ao fenômeno elucidado, considerando a Sociolinguística um campo multidisciplinar e que a inter-relação entre a língua e a sociedade mantém diálogo direto com percepções sociais de cunho político, educacional, econômico e profissional, demográficas, culturais e principalmente linguísticas.

Esse efeito consistente sobre o julgamento de um sobre o outro é desencadeado mediante avaliações que se estabelecem entre os interlocutores e que dependem, sobretudo, das percepções dos indivíduos envolvidos. A partir daí, surge mais um questionamento para nossa pesquisa: Que atitudes linguísticas comportam os gaúchos, com relação à nova situação de contato dialetal com teresinenses?

Considerando esta pergunta problema, construímos o sentido de que a Teoria da Acomodação visa explicar o comportamento linguístico dos indivíduos em situação de contato com um novo dialeto. Para tanto, considera as variantes entre os falantes,

que se constituem entre o seu ambiente de origem e aquele onde está se inserindo. Leite (2011, p. 1021) esclarece que “o foco dessa teoria são os aspectos interpessoais da diversidade da fala e a proposta é dar conta de tipos específicos de diversidade de fala”.

Dentro da Teoria da Acomodação da Comunicação, é importante evidenciar as atitudes positivas e negativas dos falantes como fatores preponderantes para que acomodem a sua fala de origem ao novo dialeto. Neste sentido, elaboramos mais uma pergunta: Como as atitudes dos falantes gaúchos estão contribuindo para o processo de acomodação das vogais médias pretônicas na nova situação de contato dialetal? Leite (2011) enuncia que em situações propícias de acomodação, os falantes recorrem às variantes linguísticas que julgarem prestigiosas, de maneira que possam refletir a sua aproximação à nova comunidade de fala, cujo objetivo é ser aceito socialmente.

Por conseguinte, observamos o panorama organizado por Chaves (2014) e detectamos que, dos 41 (quarenta e um) trabalhos destacados, incluindo dissertações e teses, apenas uma pesquisa estudou as vogais médias pretônicas sob a ótica da acomodação dialetal, que foi o trabalho de Marques (2006), cujo título é: *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. O seu interesse foi o de verificar as estratégias utilizadas pelo (i)migrante para melhor acomodar-se ao dialeto acolhedor, entre paraibanos na cidade do Rio de Janeiro e entre brasileiros na cidade de Lisboa. O resultado alcançado pela autora indica que as vogais médias pretônicas passam por um processo de acomodação e que o contato dialetal entre variedades inter-regionais e intercontinentais não se processam da mesma forma.

Em contrapartida, encontramos pesquisas que analisam outros fenômenos linguísticos no Brasil. Destacamos então a pesquisa de Lima (2013), que buscou identificar o processo de acomodação da palatalização da fricativa coronal /S/ em posição de coda em todos os contextos fonológicos seguintes por paraibanos residentes em Pernambuco. A autora conseguiu concluir que as atitudes positivas estão contribuindo para a acomodação linguística, em detrimento das atitudes negativas que influenciam a preservação do dialeto de origem, como forma de distanciamento do novo grupo de contato dialetal.

Carvalho (2014) discute sobre as estratégias e atitudes linguísticas de convergência e divergência relativas às opções identitárias assumidas no processo de acomodação dialetal. Os informantes eram de diferentes comunidades dialetais,



com experiências sobre conflitos de identidade. Na pesquisa havia informantes do Piauí, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. A pesquisa se fundamentou na Sociolinguística de Labov, Teoria da Acomodação da Comunicação, de Giles e nas Questões de Identidade, de Bauman. Como resultados, a autora apresenta que, para a convergência dialetal, contribuíram a admiração pelo novo grupo, a motivação econômica e, no caso dos nordestinos com relação à região Sudeste, a divulgação negativa da mídia televisa sobre o Nordeste. Já sobre a divergência, pesou o orgulho de pertença.

Outra pesquisa divulgada foi a de Silva e Lucena (2015), em que os pesquisadores objetivaram compreender o processo de acomodação dialetal de africanos lusófonos residentes em João Pessoa (Paraíba), com base na Teoria da Acomodação da Comunicação, de Giles (1973) e na Teoria da Variação Linguística, de Labov (2008). O fenômeno que eles estudaram foi a lateral pós-vocálica e apontaram como resultados que as variáveis do país de origem e o tempo de exposição foram os maiores contributos estatísticos para a acomodação.

Esta dissertação foi organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo traz a revisão de literatura em que objetivamos dialogar sobre a Teoria da Variação, a Teoria da Acomodação, A Etnografia da Fala e sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em contextos de fala brasileiros.

O segundo capítulo discorre sobre os aspectos teórico-metodológicos utilizados para a construção, descrição e análise do *corpus*.

O terceiro capítulo é dedicado a análise dos dados, que é dividido em duas partes: análise quantitativa sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos referentes à acomodação e análise qualitativa, que inclui as atitudes linguísticas dos informantes e os eventos de fala.

Por último, trazemos o quarto capítulo com as considerações finais do trabalho, que apresenta uma síntese dos resultados encontrados, as limitações da pesquisas e encaminhamentos futuros.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo tem como objetivo tratar as bases teóricas que deram suporte à pesquisa, como a Teoria da Variação, a Teoria da Acomodação da Comunicação e Etnografia da Fala, bem como tratar sobre o sistema vocálico do português brasileiro, a fim de descrever o seu comportamento em distintos dialetos da variedade do Brasil.

A Teoria da Variação pautada em Labov, por nos proporcionar uma análise estatística dos dados, com o auxílio do Programa Computacional Goldvarb-X; a Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles y Ogay, por nos fazer chegar aos objetivos pretendidos, sobretudo no que se refere à acomodação da vogal média pretônica falada por gaúchos residentes em Teresina; e a Etnografia da Fala de Hymes, por nos proporcionar uma visão mais sistemática quanto ao contato dialetal entre gaúcho e teresinense.

### 2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO

A Sociolinguística tem como marco referencial introdutório os postulados do linguista americano William Labov (2008), destacando-se até os estudos contemporâneos como um dos principais sociolinguistas, de modo a retratar a relação entre língua e sociedade.

Nesta área, Tarallo (2002, p. 57) traz à baila dois pontos principais que devem ser firmados nos estudos em sociolinguística: “[...] 1. a língua falada é heterogênea e variável; 2. a variabilidade da língua é passível de sistematização [...]”. A partir destas considerações, o autor deixa explícito que uma língua falada é susceptível à variação, como um sistema que permite o uso de várias formas para expressar um conteúdo. É evidente que toda língua natural pode sofrer variação.

Os grupos que realizam a variação linguística têm geralmente baixo prestígio social e sua fala costuma ser julgada pelos adeptos do conservadorismo, oriundos da classe mais privilegiada da sociedade. Faraco (2006) expõe dois fatores que contribuem para tal conservadorismo: (a) a realização da escrita por meio de uma substância mais duradoura do que o som, que lhe permite um controle social intenso, no qual preserva os padrões da linguagem e rejeita formas inovadoras; (b) a formalidade da escrita.

Na sociolinguística, a língua não é tida como um sistema homogêneo e unitário, como acontece no estruturalismo. De acordo com Silva (2008), Weinreich critica o efeito revolucionário e a questão da individualidade da linguagem proposta por Saussure, destacando que, ao distinguir a fala da *langue*, afasta-se do modelo neogramático que, por sua vez, estima a *langue* como social e a fala como individual, ressaltando ainda que na teoria saussuriana nada acomoda a heterogeneidade das línguas.

Contudo, entendemos que o posicionamento teórico saussuriano se explica, sobretudo, pela escolha epistemológica evidenciada pelo estudioso, a fim de colocar a linguística em um patamar dantes desconhecido, tornando-a a Ciência do uso da linguagem. Prosseguindo, para outros autores, a linguística foi sendo ampliada e suas relações teórico-metodológicas foram passando por contestações e por reformulações. Neste sentido, podemos destacar que há inúmeras divergências entre as diferentes teorias linguísticas, que são perceptíveis a partir do conceito de língua e do seu objeto de estudo.

Dentre as críticas estabelecidas ao modelo saussuriano, relativo à questão da variação e da mudança da língua, ressaltamos Lucchesi (2004), ao sobrepor dois processos linguísticos que estão intrinsecamente relacionados a esses acontecimentos: a variação e a heterogeneidade. O autor deixa claro que uma vertente teórica que rejeita esses dois processos não é capaz de teorizar sobre a mudança, como é o caso do estruturalismo, que se fundamentava apenas na funcionalidade intraestrutural de um sistema homogêneo e unitário.

Parafraseando Silva (2008), Weinreich critica o efeito revolucionário e a questão da individualidade da linguagem proposta por Saussure, destacando que ao distinguir *langue* e *parole*, há um distanciamento do modelo neogramático que, por sua vez, estima a *langue* como social e a fala como individual, ressaltando, todavia, que na teoria saussuriana nada acomoda a heterogeneidade das línguas.

Silva (2008) retoma alguns princípios gerais da mudança linguística a partir da teoria na perspectiva laboviana. Estes princípios nos ajudam a estabelecer ligações relativas à mudança e à variação linguísticas, que são: (a) a mudança procede da variação da fala; (b) a estrutura e a homogeneidade não se associam; (c) a variação e a heterogeneidade nem sempre abarcam mudanças na língua, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade; (d) a mudança através da estrutura não é uniforme nem instantânea, envolve covariação de mudanças associadas ao tempo,

que se reflete no espaço geográfico; (e) as gramáticas em que as mudanças ocorrem são gramáticas da comunidade e não do indivíduo; (f) a mudança se transmite na comunidade como um todo; (g) os fatores linguísticos e sociais são intimamente correlacionados ao desenvolvimento da mudança.

A Teoria da Sociolinguística Variacionista destaca 5 (cinco) problemas para resolver a questão da mudança linguística. Weinreich; Labov; Herzog (2006), em sua obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, versão em português traduzida por Marcos Bagno e revisada por Carlos Alberto Faraco, apontam-nos: (a) problema das restrições; (b) problema da transição; (c) problema de adaptação; (d) problema da avaliação; (e) problema da implementação. Corroborando Lucchesi (2004), estes problemas foram postulados com a finalidade de superar a explicação sobre a mudança linguística exposta pela vertente estrutural-funcionalista.

O problema das restrições está relacionado com as questões que favorecem ou restringem as mudanças linguísticas. De acordo com Lucchesi (2004, p. 173): “tal modo de encarar a questão pode conduzir a perigosos equívocos e desvios, incompatíveis com a orientação histórica da abordagem da mudança”.

No problema da transição, a teoria busca definir e analisar o caminho pelo qual ocorrem as mudanças na estrutura social. Lucchesi (2004) compreende este problema como um dos pontos cruciais para a superação da concepção estrutural sobre a mudança. O autor argumenta que, com o problema da transição, é buscada contraposição às concepções de Saussure.

O problema da adaptação se apoia no estruturalismo diacrônico, que considera a mudança inserida em um sistema linguístico. Nesta conjuntura, Lucchesi (2004, p. 175) apresenta que “o tratamento sociolinguístico determinará o desmembramento do problema do encaixamento em dois ramos complementares: o encaixamento na estrutura linguística e o encaixamento na estrutura social”.

O próximo problema corresponde à avaliação que, nas palavras de Lucchesi (2004), provoca uma discussão relacionada ao papel do indivíduo em frente à própria língua, considerando que o indivíduo por si só não a modifica.

Lucchesi (2004, p. 179) esclarece que os teóricos da sociolinguística variacionista têm dado um tratamento especial ao problema da implementação da mudança linguística porque este modelo mantém “o enquadramento da questão da mudança nos termos de sua(s) causalidades, já observado no enquadramento estrutural-funcionalista”.

Faraco (2006) destaca contribuições empíricas feitas por Labov para uma maior compreensão da dimensão da variação e mudança, tais como:

- a) Mudanças em progresso em comunidades urbanas, que correspondem às mudanças encontradas em dados do presente, que explicam as situações do passado;
- b) A análise da variação em textos históricos, que se relaciona com as variações na grafia e na estrutura de textos de antes, cooperando para a delimitação de fases intermediárias, esclarecendo o problema da transição;
- c) A mudança linguística em *pidgins* y *criollos*, relativo ao problema do encaixamento estrutural e social, que corresponde à constituição das línguas mescladas como os *pidgins* e as *criollas*, em que as mudanças nestas línguas podem explicar sua natureza;
- d) A dialetologia, que busca esclarecer a mudança e a variação em um dado espaço geográfico, trazendo auxílios para o problema da transição;
- e) Mudanças linguísticas em comunidades pequenas, baseadas no fato de que no passado as cidades tinham pequeno porte, colaborando para uma melhor compreensão deste passado;
- f) Línguas em desaparecimento, referentes ao estudo de falantes de uma língua em processo de desaparecimento em oposição às que seguem conservadas, iluminando o problema da transição;
- g) Aquisição da língua, alusiva a um procedimento de mudança, que se compreende, atualmente, que não se dá de uma geração à outra, mas através de uma interação entre adolescentes mais velhos e adolescentes mais novos e pré-adolescentes;
- h) Estudo sistemático de variação, atinente à projeção da mudança na investigação do passado, considerando que a mudança emerge sempre da variação.

Por conseguinte, é importante destacarmos a diferença entre a variação e a mudança. Neste sentido, é evidente que toda mudança implica variação, mas nem toda variação implica mudança. Assim, inferimos que variação nos leva ao sentido de que há várias formas equivalentes de se dizer alguma coisa, enquanto a mudança alude ao sentido de equilíbrio de uma forma, tornando-a estável entre os falantes.

## 2.2 A TEORIA DA ACOMODAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

A Teoria da Acomodação da Comunicação tem a sua gênese na Psicologia Social. Na ocasião, toma fôlego na voz de Giles, Taylor e Bourhis (1973). Desde então, passou por uma extensão teórica, de modo a percorrer os estudos no âmbito da linguística, sobretudo na interação entre língua e sociedade, focalizando a interação entre falantes.

Giles e Ogay (2007) classificam a Teoria da Acomodação da Comunicação como uma área que fornece uma estrutura abrangente que tem por fim explicar as estratégias que os falantes utilizam para criar, manter ou diminuir a distância social em interação, de modo a explorar as diferentes maneiras do processo de acomodação, bem como as suas motivações e consequências.

Para Giles e Ogay (2007), apesar de a linguagem ser o foco principal da teoria, utilizam-se outros símbolos comunicativos participativos na interação interpessoal dos indivíduos e que são tidos como sinalizadores de identidade, como roupas, penteados, cosméticos, padrões alimentares. Elementos como esses, são capazes de influenciar pensamentos e sentimentos dos falantes com relação ao meio do qual são residentes.

Giles e Ogay (2007, p. 294) nos apresentam os princípios básicos da Teoria da Acomodação da Comunicação. Em primeiro lugar, os autores destacam que a comunicação não é influenciada apenas pelas características da situação imediata e orientações dos participantes, senão pelo contexto socio-histórico no qual a interação se insere; em segundo lugar, a comunicação está interligada a fatores sociais que interferem durante a interação no processo de acomodação, em razão de não ser apenas um mera questão de troca de informações, fatos, ideias e emoções, o que o autor coloca como “[...] referential communication [...]”<sup>2</sup>; em seguida, consideram que os agentes interativos no processo de acomodação têm, com relação ao novo grupo, expectativas relativas tanto aos estereótipos dos seus membros quanto às suas normas sociais vigentes; os integrantes da interação no contato dialetal utilizam estratégias de comunicação específicas, sinalizadas mediante as suas atitudes direcionadas ao outro e seu grupo social. Essas estratégias cumprem um papel preponderante na acomodação, que são: a convergência e divergência. Por este ângulo, os autores asseveram: “[...] In this way, social interaction is a subtle balance

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: “[...] comunicação referencial [...]”.

between needs for social inclusiveness on the one hand, and for differentiation on the other [...]”<sup>3</sup>.

Giles e Ogay (2007) admitem que a convergência é a estratégia mais estudada, além de ser considerada o núcleo histórico da teoria, com os postulados de Giles (1973). Com ela, os indivíduos adaptam os seus comportamentos de caráter linguístico, paralinguístico e não-verbal, na busca de semelhanças com o seu interlocutor. De modo análogo, tem-se a divergência, em que os autores retomam a voz de Bourhis (1979), que assemelha essa estratégia à manutenção do estilo da pessoa do agente participativo da interação, independentemente do comportamento de comunicação do interlocutor.

Os autores destacam motivos para que ocorram a convergência e a divergência. Para a primeira, o falante é determinado a se assemelhar ao próximo com o desejo de obter alguma aprovação, por um lado, e melhorar a eficácia na comunicação, por outro. Mas, não é só isso, uma vez que esta estratégia pode sacrificar a identidade pessoal ou social do agente, comprometendo-a. Para a segunda, os motivos são a insensibilidade aos estilos alheios e a tentativa de afirmar a sua identidade de origem.

Sucessivamente, os teóricos afirmam que a interação entre os grupos sociais afeta a acomodação e em nível de análise, citam a vitalidade etnolinguística, que ajuda a entender as relações culturais e étnicas, sob três fatores:

status (economical, political, and linguistic prestige); demography (population numbers, birth rate, geographical distribution); and institutional support (recognition of the group and its language by public authorities, the educational system, and other agencies)<sup>4</sup>. (GILES; OGAY, 2007, p. 299).

Conforme destacam os autores, podemos inferir que agentes em processo de interação, em nova situação de contato comunicativo e conscientizados de sua posição social pela representação, sobretudo socioeconômica do seu cenário de partida, poderão receber interferência direta do tipo de vitalidade etnolinguística que lhe é atribuída, a considerar o status, a demografia e o apoio institucional.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “[...] Desta forma, a interação social é um equilíbrio sutil entre as necessidades de inclusão social por um lado, e de diferenciação, por outro [...]”

<sup>4</sup> Tradução nossa: “status (prestígio econômico, político e linguístico); demografia (números da população, taxa de natalidade, distribuição geográfica); e apoio institucional (reconhecimento do grupo e sua linguagem pelas autoridades públicas, pelo sistema educacional e por outras agências)”.

Nesta conjectura, Lima (2013, p. 43-44) argumenta que a Teoria da Acomodação da Comunicação: “[...] surge da necessidade de entender os fatores que contribuem para a acomodação dialetal [...] as causas da acomodação, bem como as estratégias utilizadas pelos informantes no processo de acomodação”.

Um falante pode acomodar a sua fala, desde uma língua ou uma variedade linguística. Para tanto, há um conjunto de fatores que motivam tal processo, como pensamentos, sentimento de pertencimento de sua identidade de origem ou da nova comunidade de contato, estereótipos, preconceito com as pessoas, grupos sociais, etnia, religião, política, influência midiática, representação socioeconômica, dentre outros aspectos.

A autora explica que Giles (1973) tece críticas ao modelo laboviano com relação ao papel da formalidade-informalidade do contexto e ao critério de atenção à fala. Neste conjunto, considera que tais aspectos deveriam ser interpretados como processo de acomodação interpessoal, sobrepondo-se ao comportamento linguístico dos falantes inerentes à influência de um sobre o outro.

Lima (2013) retoma o paradigma teórico de Giles (1973), de maneira a esclarecer que as práticas comunicativas se vestem de influências da estrutura sociocultural, no sentido de que a partir do momento em que um falante tem contato direto com uma realidade linguística diferente da sua de origem, tem a predisposição de reproduzir ou não as peculiaridades da nova realidade da situação de contato.

No texto:

[...] ‘Accommodation theory: Communication, contexto, and consequences’, de Howard Giles, Nikolas Coupland e Justine Coupland (1987), os autores citados definem a convergência como a adaptação de comportamentos linguísticos e extralinguísticos de indivíduos com a finalidade de alcançar uma aprovação por parte do interlocutor. Para esses autores, não são assimilados apenas traços linguísticos, prosódicos e paralinguísticos – características comportamentais que influenciam na comunicação também o são. Ou seja, para uma maior aprovação, o informante aproxima-se ao máximo do interlocutor. (LIMA, 2013, p. 45).

Isto posto, leva-nos a entender que para haver uma predisposição de caráter acomodativo é indispensável que os falantes estabeleçam avaliações e objetivos alusivos ao novo ambiente de fala, de maneira que se vistorem percepções socioculturais entre a comunidade de origem e a atual, com vistas a considerar que, nesse ínterim, a acomodação se corporifica por intermédio de um conjunto de fatores



que envolvem, sobretudo, a língua, a comunicação e o comportamento, como podemos acompanhar nas palavras de Lima (2013). Assim, verificamos a primeira categoria relativa à acomodação, que é a convergência.

Por convergência é entendida a capacidade de o falante se adaptar ao novo ambiente de fala, de maneira que incorpore as características linguísticas que de lá são peculiares, a fim de ser aceito socialmente no grupo. Neste segmento, como esclarecemos no parágrafo anterior, envolvem-se aspectos sociais e culturais para que possa convergir a sua fala ao novo dialeto, o que de certa forma compreende o não preconceito ao novo falar ao qual se encontra em situação de contato. Em outras palavras, depreende-se que o falante busca uma aproximação com o seu interlocutor.

Em contrapartida, se o falante objetiva distanciar-se do seu interlocutor, no novo grupo de situação de contato, ele mantém as suas características de origem, por valorização e preservação cultural, a esta categoria Giles (apud LIMA, 2013) dá o nome de divergência. Para tanto, este fenômeno, assim como o anterior, demanda percepções de cunho sociocultural do falante por ser novato na comunidade.

### **2.2.1 Atitudes linguísticas: linguagem e identidade**

As percepções de que tratamos na teoria, desencadeiam-se por meio das atitudes tomadas pelos falantes. Essas atitudes podem ser positivas ou negativas. Se o indivíduo lança mão da primeira, há a possibilidade de acontecer a convergência, por aceitação e aproximação social, contudo, se lança mão da segunda, o falante tende a divergir das características linguísticas do novo ambiente de comunicação, por não aceitação e distanciamento social.

Bonomi (2010) aponta como elementos essenciais ao processo de acomodação, a percepção, a atitude e o sentido de pertencimento a uma determinada identidade etnolinguística. A autora defende a ideia de que a identidade étnica só é entendida graças à existência de outras etnicidades que coexistem nas sociedades, que é por intermédio da coletividade que tal identidade se reconhece como diferente. Esta percepção nos leva a refletir sobre o contato entre diferentes dialetos do Brasil, como propomos estudar neste trabalho. Assim, retomamos a questão do gaúcho, que tem uma identidade étnica, linguística e cultural peculiar à sua origem, mesmo partindo do ponto de vista genealógico, histórico e geográfico, expondo-se a uma nova

situação de contato com teresinenses que, por sua vez, possuem as suas características identitárias que divergem, em muito, das do gaúcho.

Neste sentido, podemos inferir que esse movimento de um contexto a outro, coloca o gaúcho em frente a uma identidade que, naturalmente a reconhecerá como diferente, a partir de observações, comparações com sua origem étnica e tentativa de adaptação ao novo ambiente. Possivelmente, as diferenças ainda não estavam claras em sua mente ou ainda não havia pensando nelas, pois é através do contato que podemos ter experiência concreta e tangível. Sobre esse acontecimento, Bonomi (2010) argumenta que “[...] es en esta fase de relación dialéctica con el grupo autóctono cuando, quizás, los inmigrantes toman más conciencia de su propia identidad [...]”.

A língua é detentora de um valor indispensável na identificação de diferentes identidades, por ser, na visão de Bonomi (2010), a marca identitária mais forte de um determinado grupo. Por conseguinte, essa relação entre língua-identidade, é favorável à interpretação das atitudes de falantes em contato com diferentes dialetos, as quais se corporificarão no comportamento linguístico.

Respectivamente à escolha de uma determinada língua ou variedade, Bonomi (2010, p. 53) retoma Gumperz (1982), para elucidar a compreensão de que esse evento está inclinado, estritamente, “[...] con la identificación y la representación simbólica de una identidad étnica distinta de la dominante [...]”. Essa alternância, que se caracteriza como acomodação, envolve variações de natureza sociais, econômicas e de interação, além de outros fatores condicionantes. Todavia, o falante pode passar por um processo de hibridização, à medida que pode variar o seu modo de falar em conformidade com o contexto, assim, o sujeito que já reside em um novo ambiente de comunicação, pode adaptar-se à variedade de contato, a depender de diversos fatores, bem como manter a sua variedade de origem, utilizando-a em caso de regresso à sua comunidade. Entretanto, o falante pode estar consciente ou não desses eventos.

Como resultados de sua pesquisa, Bonomi (2010), chegou à conclusão de que em Barcelona e em Milão está havendo um processo de acomodação dos falantes hispanos, tanto sobre a variedade vernácula, o espanhol peninsular, como sobre a dominante, o italiano, em concomitância com a preservação da identidade linguística de partida. A autora apresenta que o comportamento sociolinguístico dos falantes com relação à acomodação, no fenômeno migratório, é dependente da etnicidade, o

sentimento de pertencimento a um grupo etnolinguístico, a percepção construída sobre distintas variedades ou códigos e os contextos interacionais referentes às redes sociais dos falantes.

Jang (2012) também fez uma pesquisa utilizando a Teoria da Acomodação da Comunicação, na qual objetivou apresentar alguns casos em que é observada a alternância pronominal “tú, vos, usted” da língua espanhola, nos falantes da cidade de Medellín.

Os resultados alcançados revelam que falantes da comunidade de Medellín estão convergindo a sua fala com relação ao uso dos pronomes de tratamento de 2ª pessoa, de forma a se ajustarem à fala dos seus interlocutores. No processo de interação, consideram-se o contato dialetal com estrangeiros que não falam espanhol, com espanhóis que não utilizam o voseo, com colombianos que não usam o pronome vos, com membros de outra zona de Antioquia-Colômbia e com membros pertencentes à mesma cidade, contudo, a estratos diferentes.

Lima (2013, p. 45) explica que a acomodação linguística surgiu “com o objetivo de aproximar os informantes, e em alguns casos ela acontece de forma involuntária, em outros casos não, o indivíduo esforça-se para realizá-la, gerando uma avaliação negativa por parte do receptor”. De tal modo, é imprescindível investigar as atitudes do falante com relação ao segundo dialeto para que se possa compreender a acomodação ou não acomodação.

As atitudes positivas, assim como as negativas podem influenciar a acomodação. Para compreender esse fenômeno, destacamos que se o indivíduo avalia positivamente o novo dialeto, ele tende a convergir, se avalia mal, tende a divergir. Por outro lado, se ele avalia negativamente o seu dialeto de origem, tende a convergir ao novo. Em síntese, é importante verificar as atitudes do falante, positivas ou negativas, para analisar o processo de acomodação, visto que:

o ato de acomodação pode envolver certos custos para o falante, em termos de mudança de identidade e esforço empregado. Assim, esse comportamento deve ser iniciado apenas se há uma recompensa disponível. Em termos concretos, essa recompensa dependerá da própria situação e do nível linguístico particular no qual a acomodação ocorreu. (LEITE, 2011, p. 1022).

Observando as palavras da autora acima, podemos compreender que o processo de acomodação é delicado, à medida que envolve mais da avaliação e da mudança dialetal o fator identidade. Na mesma esteira da autora, Lima (2013)

assevera que a linguagem é também imposição de identidade, é uma forma encontrada pelos falantes para engrenar um ou outro perfil identitário, visando à possibilidade de demonstrar, inclusive, o grupo no qual um sujeito está inserido, no sentido de que é possível reconhecer, através da linguagem, a sua origem. Dentro desse aspecto, é possível que o falante estabeleça, mesmo que inconscientemente, a preferência por um jeito de falar, dependendo de suas atitudes e do contato linguístico.

Calvet (2002, p. 57) levanta um contra-argumento que se remete às definições de língua como um “instrumento de comunicação”, em virtude de que leva a “[...] crer em uma relação neutra entre o falante e a língua [...]”. O autor argumenta de forma metafórica sobre essa noção de que dispensa conceitos de língua, apresentado que um instrumento é um utensílio que tem por fim ser utilizado em momento de necessidade e dispensado após, como fazemos com um martelo, por exemplo. Assim, é utilizado para pregar pregos quando necessário, quando não, é dispensado.

Considerando o exposto, acreditamos que não há uma relação neutra entre falante-língua, concordando com o pensamento calvetiano. Os usuários, em qualquer situação de fala, estabelecem avaliações espontâneas da língua, mesmo que impensadamente. No contexto dessas avaliações, existe um conjunto de atitudes linguísticas adjacentes às variedades vinculadas por relações sociais e geográficas, que flutuam naturalmente nos sentimentos dos falantes. Calvet (2002), afirma que aquele que se serve do martelo, pode amá-lo ou não e isso não implica no ato de pregar o prego. Nesse âmbito, as atitudes que se têm sobre a língua podem afetar, e muito, o comportamento linguístico do falante.

Calvet (2002) apresenta uma técnica utilizada em experiências da psicologia social, por Wallace Lambert, em meados de 1960, que estudava o bilinguismo franco-inglês em Montreal, sob a metodologia de “falante disfarçado” ou dos “falsos pares”, em que ele gravava dois textos, de falantes bilingues, visto que um, era em francês e o outro, em inglês. As gravações eram apresentadas a jurados, informados de que eram oriundas de pessoas diferentes. Seguindo essa metodologia, a avaliação deveria descrever alguns aspectos, tais como: altura, beleza física, aptidão para dirigir, senso de humor, inteligência, religiosidade, confiança de si, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e simpatia. Os participantes deveriam ser julgados pela voz, contudo, além de os julgadores não perceberem que se tratava da mesma pessoa, promoviam uma avaliação não da voz, senão das

línguas. O autor assevera que a referida técnica se estendeu à linguística, de modo a possibilitar a percepção das atitudes de que dispunham os informantes.

Por intermédio de avaliações linguísticas por parte dos falantes, há entre diferentes línguas e entre variedades de uma língua, percepções estereotipadas disseminadoras de comportamentos preconceituosos, a considerar visões pejorativas de um jeito de falar em detrimento de outro, mediante as noções de “falar correto”, sobretudo quando se trata dos falares da zona rural em comparação com a zona urbana, regiões de maior expressividade econômico-social em comparação com outras menos prestigiadas, como acontece entre as regiões Sul e Nordeste.

Calvet (2002, p. 60) intervém com a noção de que assim como variam os usos da língua, geográfica, social e historicamente, variam as normas e que, da mesma maneira, variam as atitudes, citando, por exemplo, as classes operária e burguesa, Londres e Escócia, hoje e há cem anos atrás. Dentro deste contingente de classes, sociedades e tempo, perpassam diferentes atitudes. Para ele, o comportamento linguístico dos falantes, incitado por essas normas são de interesse da sociolinguística, uma vez que “pode desenvolver dois tipos de consequências sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros”. De um lado, as pessoas tendem a valorizar a sua identidade de fala, de outro, a modificá-la. Para tanto, tudo isso dependerá de suas atitudes linguísticas em relação aos falares em contato e de suas finalidades como sujeito atuante em um meio social.

O autor nos apresenta três noções indispensáveis à compreensão das atitudes, a primeira delas é a segurança linguística, que corresponde à aceitação da fala, cujos questionamentos sobre o modo como é realizada não existem por razões sociais. A segunda é a insegurança linguística, que reflete sobre a pouca valorização do modo de falar, uma vez que o falante pensa ser outra variedade mais prestigiosa que a sua. Tanto a segurança quanto a insegurança exercem efeitos linguísticos e sociais sobre os falantes. A terceira delas é a hipercorreção, que equivale à tendência de o falante adquirir uma variedade de prestígio, imitando-a e exagerando-a, sendo mais recorrente em textos escritos. Calvet (2002, p. 69) acrescenta que a hipercorreção, além de ser um caso legítimo de insegurança linguística, corresponde a duas estratégias: “[...] fazer crer que se domina a língua legítima ou fazer esquecer a própria origem [...]”.

### 2.3 ETNOGRAFIA DA FALA

A Etnografia é uma área muito eficaz nos estudos antropológicos, por investigar os aspectos culturais inerentes a uma comunidade. Já a Fala, tem sido objeto de pesquisa no campo linguístico. Os termos foram unidos, porque juntos delineiam aspectos teórico-metodológicos relevantes para a compreensão da interação comunicativa entre falantes. Assim, Etnografia da Fala é compreendida por Hymes (1976) como uma teoria que descreve a fala como um comportamento cultural, um sistema que não é exótico, mas é necessariamente interessado nas diferenças.

Lima (1996) assevera que a referida área é “[...] uma proposta de estudo da fala na sua relação com outros fatos sociais integrantes da cultura de uma sociedade [...]”. Com base neste conceito, a entendemos como uma abordagem que tem por finalidade analisar o comportamento sociolinguístico em uma dada comunidade de fala, observando fatos relativos à língua e à sociedade.

Na concepção de Costa (1988), a Etnografia da Fala não é um mero procedimento técnico ou um método, senão um construto teórico que muito tem a contribuir com os estudos sociolinguísticos, partindo do ponto de vista linguístico e chegando à conjuntura social. Dessa maneira, teoria e método se complementam e se intercalam no fazer científico, de modo a desempenhar um papel preponderante na investigação dos fenômenos da fala que são convertidos em objetos de estudo, capazes de descrevê-los e analisá-los, mutuamente.

Com relação à descrição linguística da fala, Hymes (1976) argumenta sobre a estrutura e a liberdade, evocando as vozes saussurianas e chomskianas, em que o primeiro, na busca da estrutura, encontrou a palavra, e o segundo a oração. A partir daí o autor chama a atenção para a Etnografia da Fala que, relativamente à estrutura, buscou o ato de falar, numa inter-relação entre linguagem e situação comunicativa.

Hymes (1976) discute sobre a mudança de código. Essa mudança pode ser bilingual, entre línguas distintas ou bidialetal, entre variedades de uma mesma língua. A exemplo da última, temos a alternância dialetal entre o falar gaúcho e o teresinense, que são duas variedades dentro do sistema linguístico do português brasileiro. Considerando as fronteiras dialetais, o autor nos adverte que não podemos olhar apenas para as marcas linguísticas que as caracterizam.

Por este ângulo, optamos por utilizar os pressupostos teórico-metodológicos da Etnografia da Fala, sobretudo para termos uma visão mais significativa pautada na

acomodação vogal média em posição pretônica, falada por gaúchos residentes em Teresina. Seguindo o ponto de vista de Hymes (1976), descrito por Lima (1996), analisamos, pois, os eventos de fala decorrentes de situações de contato entre falantes oriundos das duas variedades referidas.

Neste sentido, analisamos o comportamento sociolinguístico dos falantes, quanto ao fator mudança bidialetal, por intermédio dos eventos de fala. Lima (1996) afirma que o evento de fala é guiado por diversas regras, a depender dos indivíduos envolvidos, que são caracterizados por determinadas categorias ou grupos, os quais fazem uso de fatores linguísticos e extralinguísticos em um contexto social.

## 2.4 O SISTEMA VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No sistema vocálico, verificamos a existência de 7 (sete) fonemas. Por conseguinte Silva (2009, p. 43) explica que: “[...] a altura gradual da língua em direção à parte anterior da boca ou à parte posterior determinará a classificação articulatória da vogal como baixa, médias de 1º grau (abertas), médias de 2º grau (fechadas) e altas [...]”.

Em uma perspectiva estrutural, Camara Jr. (2015, p. 41) apresenta as vogais do português, como podemos observar na descrição abaixo:

Quadro 1 – Sistema vocálico tônico do português brasileiro.

altas	/u/		/i/	
médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
médias	/ò/		/è/	(1º grau)
baixa		/a/		
posteriores		central	anteriores	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 41).

Assim, o autor apresenta um sistema composto de 7 (sete) vogais em posição tônica, quanto a sua intensidade, as quais são classificadas conforme a sua zona de articulação: parte anterior, central e posterior da língua; elevação gradual da língua (timbre): vogal baixa, vogais médias abertas de 1º grau, vogais médias fechadas de 2º grau e vogais altas.

Notemos os exemplos:

[a]to – vogal baixa central

p[ó] – vogal média aberta posterior (1º grau)

p[é] – vogal média aberta anterior (1º grau)

t[o]lo – vogal média fechada posterior (2º grau)

d[e]do – vogal média fechada anterior (2º grau)

res[u]mo – vogal alta posterior

bot[i]na – vogal alta anterior

Contudo, quando a vogal está diante de uma nasal, o sistema vocálico é categoricamente reduzido a apenas 5 (cinco) vogais, como afirma Câmara Jr. (2015, p. 43). Seguem então as vogais que atuam diante de nasais:

Quadro 2 – Sistema vocálico tônico diante de nasais.

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 43).

Corroborando Câmara Jr. (2015), a língua portuguesa tem por característica, dentre as línguas românicas, bem como o francês, a emissão de nasal das vogais. Vemos, pois, que a redução do sistema vocálico com relação à presença de uma nasal seguinte. Na interpretação de Câmara Jr., ocorre neutralização, termo criado por Trubetzkoy, que, segundo Battisti e Vieira (2010, p. 167), é um conceito oriundo da fonologia de Praga, que diz respeito à “[...] perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex.: *caf[ɛ]* – *caf[e]teira*, *b[ɛ]lo* – *b[e]leza*, *s[ɔ]* – *s[o]lção [...]*”. Notadamente, diante dos exemplos: *[e]mprego*, *[e]ntão*, *[o]ntem*, *c[o]nta*, não concebemos a pronúncia das vogais /e/ e /o/ como médias abertas diante dos segmentos nasais, assim, não há no português brasileiro as ocorrências: *[ɛ]mprego*, *[ɛ]ntão*, *[ɔ]ntem*, *c[ɔ]nta*.



Considerando a tonicidade da vogal, ela pode ser tônica e átona. A última tem por classificação, dentro do sistema vocálico do português do Brasil, segundo Câmara Jr. (2015), três quadros: o primeiro é relativo às vogais pretônicas, o segundo às primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas e o terceiro e último quadro a vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo.

#### 2.4.1 As vogais médias pretônicas

Tendo em vista essa abordagem, que contempla a Teoria da Acomodação da Comunicação, propusemos-nos a estudar o processo de acomodação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ faladas por gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, pelo viés da Sociolinguística laboviana.

Interessa-nos neste trabalho o primeiro quadro, cuja referência abarca as vogais pretônicas do português brasileiro. Detemo-nos a ele:

Quadro 3 – Vogais pretônicas.

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2015, p. 44).

Noll (2008, p. 51) defende que dentro do sistema linguístico de português brasileiro há problemas complexos referentes aos aspectos diatópicos, posicionais e diastráticos, quanto à realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. O autor estabelece uma comparação entre as vogais do português do Brasil e do português de Portugal. Neste aspecto, argumenta que:

[...] se não existem influências metafônicas, o português brasileiro mantém os /e/, /o/ pretônicos, sendo as vogais articuladas ou fechadas ou abertas, sem levar em consideração a qualidade etimológica da vogal, diferentemente do português europeu [...].

Com relação ao Brasil, Noll (2008) retoma Nascentes (1953) e esclarece que, sobre a abertura ou o fechamento das vogais /e/ e /o/, há a levar em conta a seguinte

divisão, de modo a considerar uma linha demarcatória que atravessa horizontalmente o Brasil:

1ª: Grupo Meridional: corresponde ao falar baiano, ao mineiro, ao fluminense e ao sulista;

2ª: Grupo Setentrional: corresponde ao falar amazônico e ao nordestino.

Em contrapartida, Noll (2008, p. 53) fez uma releitura da divisão dialetal feita por Nascentes em 1922. Neste sentido, ele considera, segundo a abertura das pretônicas, tais dialetos brasileiros, no grupo setentrional:

- o amazônico (Acre, Roraima, Amazonas, Pará, Amapá);
- o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas);
- o baiano (Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais, norte de Goiás).

Já com relação ao fechamento das pretônicas, Noll (2008) considera os seguintes dialetos, no grupo meridional:

- o mineiro (centro e oeste de Minas Gerais);
- fluminense (leste de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro);
- o sulista (sudoeste de Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Com esta divisão fica claro que, entre o falar teresinense (pertencente ao grupo setentrional) e o falar gaúcho (pertencente ao grupo meridional), a diferença dialetal respectiva às vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica consiste na pronúncia aberta, nos falares do primeiro grupo e fechada, nos falares do segundo. Ainda sobre esta diferença, Noll (2008, p. 51) declara “[...] o critério da abertura e do fechamento dos /e/, /o/ pretônicos forma, até hoje, a base para uma grande divisão dialetal do português brasileiro que, em 1922, Nascentes propôs em *O linguajar carioca*”.

O autor traz uma contextualização histórica que nos ajuda a compreender com mais precisão a alternância entre a realização das vogais médias pretônicas abertas e fechadas entre o português brasileiro e o português europeu.

a realização distinta das vogais orais em posição pretônica no português europeu e brasileiro remonta ao desenvolvimento do português europeu no século XVIII. Após a resolução dos hiatos medievais, o português dispunha, no início do século XVI, de oito vogais orais (/i e ε e a o u/) na posição pretônica. O português

brasileiro simplificou esse sistema para cinco fonemas (/i e a o u/), eliminando as vogais semiabertas, de modo que /e/ e /o/ nas áreas meridionais são articuladas de modo fechado. A abertura das pretônicas /e/ [ɛ], /o/ [ɔ], existente no Norte e no Nordeste, pode ser vista como uma variante na diminuição do número de vogais pretônicas para cinco fonemas ([i ɛ a ɔ u] vs. [i e a o u]). Dado que, nessa área, se trata meramente de uma tendência para a abertura, enquanto na região meridional o fechamento se apresenta como amplamente generalizado, a abertura das pretônicas parece ser a evolução mais recente. (NOLL, 2008, p. 221).

Considerando as palavras do autor e as variações das vogais médias pretônicas, dentro do contexto fonológico da língua, é possível a verificação da ocorrência de “[...] assimilações harmônicas, que conduzem ao alçamento da pretônica, sobretudo, em conexão com um [i] seguinte. Em *menino* [mi'ninu] e *bonito* [bu'nitu], observa-se a realização predileta das variantes alçadas, sem que o alçamento em tais casos seja obrigatório”. (NOLL, 2008, p. 54).

Teyssier (2014) evidencia que o falante da variedade brasileira é um tanto quanto conservador, por cultivar pronúncia do português europeu de séculos passados. A esta noção, o autor apresenta como exemplo, considerando de um lado a vogal átona final a pronúncia de [i] por [e], de forma a ignorar a de [è], marca que caracterizava o português europeu da primeira metade do século XVIII. E de outro lado, a vogal em posição pretônica, em que o falante brasileiro comumente, no português hodierno, conserva a pronúncia antiga de [e] e [o], como em *p[e]gar* e *m[o]rar*.

Enquanto nas variedades do Centro-Sul se mantém esta marca, os nortistas e nordestinos tendem a realizá-las abertas, como em *p[ɛ]gar* e *m[ɔ]rar*, demarcando, mais uma vez, a perpetuação da pronúncia do português de tempos remotos. Teyssier (2014, p. 101) defende que “[...] o conservadorismo do português do Brasil, no que se refere as vogais átonas, é, pois, um dos pontos que mais o distinguem do português europeu”.

O referido autor considera o falante brasileiro conservador, com relação a pronúncias remotas do português europeu, relativas às vogais átonas finais e não finais. Fica evidente a manutenção a que se refere, contudo, levantamos o seguinte questionamento: até que ponto o falante do Brasil é avesso a mudanças relativamente a essas vogais?

Porventura, tais falantes ainda não sentiram a necessidade de realizar a mudança, em virtude desse processo ser inerente à língua natural do ser humano, sob influências de níveis constitutivos da língua e aspectos sociais indissociáveis, na conjuntura da mudança.

Ao mesmo tempo que no português brasileiro há a manutenção de marcas dialetais europeias de antanho, há também inovações, sobretudo de natureza fonética. Em outras palavras, o conservadorismo e a mudança coexistem na variedade do Brasil com relação ao português lusitano.

#### *2.4.1.1 O comportamento das vogais médias pretônicas em contextos de fala brasileiros*

Como o nosso estudo investiga a variação da vogal média em posição pretônica, falada por gaúchos residentes em Teresina, debruçamo-nos sobre algumas pesquisas, cujo objeto é o mesmo analisado sob o viés da sociolinguística variacionista.

Neste caminho, a presente seção tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas sobre a vogal média pretônica em diferentes contextos de fala brasileiros, especificamente de a) Teresina-PI, b) Nova Venécia-ES, c) Bragança-PA, d) Ouro Branco-MG, e) Salvador-BA, f) Porto Alegre-RS e g) Formosa-GO.

##### **a) A fala de Teresina-PI**

Começamos esta seção fazendo referência ao falar teresinense, com ênfase na tese de doutorado de Silva (2009): *As pretônicas no falar teresinense*, a qual nos apresenta um estudo minucioso sobre o comportamento das vogais médias pretônicas na variedade de Teresina-PI, que gira em torno da variação tripartida: manutenção (vogais residuais), elevação (vogais altas), abaixamento (vogais baixas).

O estudo foi feito à luz da sociolinguística variacionista, cujo *corpus* foi constituído de 5.308 (cinco mil e trezentos e oito) realizações, por meio de entrevistas conduzidas a 36 (trinta e seis) informantes estratificados por gênero, faixa etária, e escolaridade. As análises foram efetivadas com o auxílio do programa computacional Varbrul 2S, de forma a considerar a contiguidade, a homorganicidade, o paradigma, o

contexto fonológico precedente e seguinte, como variáveis linguísticas independentes; e o gênero, a faixa etária, a escolaridade, como variáveis linguísticas sociais.

As análises do estudo apresentam os efeitos das regras variantes das pretônicas em separado, o que nos permite ter uma visão mais sistemática do ponto de vista linguístico e social sobre a variação ternária evidente entre a vogal média aberta, a vogal alta e a vogal média fechada.

Os resultados de Silva (2009, p. 141) apontam que o abaixamento da vogal média em Teresina é semelhante ao de outros estudos sociolinguísticos, cuja predominância recai sobre a realização da vogal média aberta em contextos de fala nordestinos, de modo que a vogal contígua e o contexto circundante revelam que pode existir “uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ɛ ɔ/ seja /a/”.

A pesquisadora esclarece que a abertura da vogal é um fenômeno pouco explorado pelos estudos sociolinguísticos, considerando ser a harmonização vocálica de maior expressividade dialetal, dado que é comum a todas as variedades brasileiras. Considerando a vogal alta, os resultados revelam que ela está relacionada à Harmonia Vocálica, em que a vogal de mesma altura presente na sílaba seguinte cumpre um papel decisivo para a sua realização. Outros resultados de Silva (2009) mostram que:

- A elevação da homorgânica e da não-homorgânica /u/ é favorecida pela vogal alta subsequente;
- Os condicionadores sociais não apresentaram nenhuma expressividade para a realização da vogal alta;
- A vogal média anterior é elevada diante da palatal precedente e da velar precedente e seguinte; já a posterior é favorecida somente pela velar precedente, visto que apresenta índices muito próximos com a labial, palatal e coronal subsequentes.

Sobre a vogal média fechada, a autora alcançou os seguintes resultados:

- A contiguidade com uma vogal de mesma altura é o condicionador que mais favorece a realização da média fechada;
- A vogal tônica preserva a média fechada no paradigma derivacional;
- O contexto seguinte das consoantes circundantes é mais favorecedor à realização das médias fechadas;

- As consoantes nasais e palatais obtêm os maiores pesos relativos que condicionam tanto a vogal anterior como a posterior;
- Dentre as variáveis sociais, os fatores gênero e faixa etária se mostram mais relevantes para a manutenção da média fechada.

Silva (2009) chega à conclusão de que a realização da vogal média aberta é a marca dialetal teresinense em comparação com a da vogal alta e da fechada, fato que sugere o encaminhamento das vogais situadas no sistema vocálico da variedade teresinense, em direção à Neutralização em favor da média aberta em posição pretônica.

Isto posto, é inegável que no contexto de fala de Teresina, situado no cenário dialetal brasileiro, há uma tríplice pronúncia, a considerar a harmonia com a vogal baixa, de maior expressividade; a harmonia com a vogal fechada, favorecida pela presença de uma vogal de mesma altura na sílaba seguinte; e a harmonia com a vogal alta, condicionada também por uma vogal de mesma altura na sílaba seguinte. Estes resultados confirmam as hipóteses levantadas pela autora.

## **b) A fala de Nova Venécia-ES**

Celia (2004) realizou uma pesquisa de dissertação de mestrado em Nova Venécia-ES, com o título: *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*, cujo objetivo foi analisar a variação linguística das vogais médias pretônicas na variedade culta da fala de Nova Venécia, Espírito Santo, a fim de caracterizar o dialeto capixaba em comparação a outras variedades brasileiras.

Para tanto, foram coletados dados de 9 (nove) informantes do sexo feminino que tenham nascido na cidade ou chegado lá até os 5 (cinco) anos de idade e vivido a maior parte de sua vida no local, dos quais foi constituído um *corpus* de 2.950 emissões das pretônicas médias, realizadas por alteamento [i u] e abaixamento [ɛ ɔ] de [e o]. A autora esclarece que levou em conta apenas o sexo feminino porque em trabalhos anteriores como os de Bisol (1981), Bortoni, *et al.* (1991) e Yacovenco (1993) não foram encontradas diferenças significativas entre um sexo e outro.

Seguindo o paradigma variacionista da sociolinguística, os dados foram submetidos ao programa Goldvarb, com o auxílio da análise de regressão gradual

Step-Up/Step-Down, posto que o programa permite ao pesquisador, realizar uma apreciação estatística dos dados.

Nesta direção, Celia (2004) utilizou como categorias de análise quantitativa, a nasalidade, o tipo da tônica, a distância, a pretônica seguinte, a atonicidade, a consoante precedente, a consoante seguinte e a estrutura silábica, considerando os condicionadores linguísticos; a faixa etária, considerando os condicionadores extralinguísticos.

Atentemo-nos aos resultados encontrados por Celia (2004):

- Vogais médias em posição pretônica são passíveis de variação por intermédio do processo fonológico de assimilação, pelo que se considera na variedade do português brasileiro, o alteamento [e o] > [i u] e abaixamento [e o] > [ɛ ɔ];
- A vogal alta em sílaba seguinte é um fator que favorece a realização do alteamento da vogal média pretônica;
- A nasalidade da pretônica favorece o alteamento de E, enquanto a oral favorece o alteamento de O;
- As sílabas abertas CV favorecem o alteamento e as sílabas travadas CVC o inibem;
- A atonicidade das vogais (permanente e casual) é um fator condicionante para a realização do alteamento das médias pretônicas;
- As consoantes palatal e bilabial precedentes e a velar seguinte favorecem o alteamento de E, enquanto a palatal e a velar precedentes e a labiodental seguinte condicionam o alteamento de O;
- A vogal baixa seguinte condiciona o abaixamento das médias pretônicas;
- As vogais de atonicidade casual são as que mais condicionam o abaixamento das médias em posição pretônica;
- A labiodental precedente e a alveolar e bilabial seguintes condicionam o abaixamento de E; já a alveolar, a palatal e a labiodental seguintes favorecem o alteamento de O.

Concordamos com a pesquisadora, ao afirmar que o vocalismo átono da língua portuguesa é um ponto de convergência entre os contextos dialetais brasileiro e europeu, sobretudo quando o assunto põe em pauta as vogais pretônicas, visto que

há distinções consideráveis dentro do próprio sistema vocálico entre as duas variedades, a considerar as dimensões intercontinentais.

Após as análises, foi possível depreender que, relativamente ao alteamento das vogais médias pretônicas em Nova Venécia-ES, existe uma semelhança patente aos falares gaúcho, carioca, mineiro, brasiliense, alagoano, baiano e sergipano, ao menos no que compete aos ambientes que facilitam a sua realização.

Em contrapartida, a autora pôde identificar que as diferenças entre tais dialetos se ancoram no ambiente de domínio lexical, tal como acontece entre a variedade capixaba e a gaúcha, por exemplo, considerando o uso de alguns vocábulos que em uma comunidade podem ser aceitos e na outra não, a depender do nível de escolaridade e dos limites geográficos.

Considerando o abaixamento das vogais médias em posição pretônica, Celia (2004) argumenta que a classificação apresentada por Antenor Nascentes (1953) deve ser interesse de discussão, em virtude dos resultados apontarem que talvez se devesse incluir o falar capixaba no grupo do norte ao invés de inseri-lo no sub-falar fluminense, como foi defendido pelo autor, bem como estender a fronteira da Bahia para o Espírito Santo. Contudo, para que se chegue a tal ponto, necessitam-se de muitas investigações de cunho dialetológico e sociolinguístico, a fim de que se possa apresentar uma proposta mais precisa, que vise atender ao posicionamento da autora.

Portanto, Celia (2004) observou que tanto o abaixamento como o alteamento da vogal média pretônica residem no falar de Nova Venécia-ES, em níveis de proximidade de ocorrência. Ressalta ainda que o abaixamento se apresenta com maior frequência e em nível mais elevado na fala de baianos e sergipanos do que na de mineiros e capixabas.

### **c) A fala de Bragança-PA**

*As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança* é o título da pesquisa de dissertação de mestrado realizada por Freitas (2001), que objetivou examinar o comportamento das vogais médias pretônicas [e o] na variedade de Bragança-PA, de modo a observar a estrutura silábica CV e CVC em posição inicial e medial da palavra, sob orientação teórico-metodológica da sociolinguística quantitativa.



Para a constituição do *corpus* de análise da pesquisa, foram necessários 36 informantes, dos quais apenas 32 foram cabíveis, por restrições quantitativas do programa computacional utilizado, o Pacote de Programas Varbrul, cujos fatores linguísticos utilizados foram: o tipo silábico, a vogal da sílaba tônica, a vogal átona da sílaba seguinte, a consoante antecedente, a consoante seguinte, o caráter átono da pretônica no paradigma e a classe morfológica. Os fatores sociais foram: a escolaridade e o tipo de atividade.

Em termos de resultados, a pesquisa de Freitas (2001) aponta que:

- As vogais médias pretônicas podem sofrer a variação ternária: manutenção ou fechamento, abaixamento e alteamento, cujo contexto propício é desencadeado pelo vocálico seguinte, independente da tonicidade. O processo fonológico é de assimilação;
- A manutenção é favorecida, em posição antecedente, pela fricativa glotal e pelas sibilantes. As alveolares, palatais, fricativa glotal favorecem o abaixamento da média. As labiais, sibilantes e velares condicionam o alteamento;
- A manutenção da pretônica é condicionada pela tônica de item lexical do mesmo paradigma, que tenha relação com a tônica média e a de altura variável entre média e baixa. A tônica de altura baixa e a pretônica relacionada à tônica de altura variável entre média e baixa favorecem o abaixamento. A átona permanente, a tônica de altura variável incluindo a alta, a pretônica relacionada à tônica média e à tônica baixa favorecem o alteamento;
- Com relação às classes morfológicas, os verbos favorecem mais o alteamento, os nomes favorecem a manutenção, os advérbios favorecem o alteamento e os pronomes favorecem o abaixamento;
- Quanto aos fatores sociais, a escolaridade baixa favorece o alteamento, a fundamental desfavorece todas as variações, exceto quando favorece o abaixamento da anterior e a média favorece a manutenção e o abaixamento;
- O tipo de atividade mostrou-se um fator irrelevante para a realização da variação tripartida das vogais médias pretônicas [e o].

A partir dos resultados, a autora concluiu que a manutenção das médias pretônicas predomina no falar de Bragança-PA, em detrimento do abaixamento e alteamento.

#### **d) A fala de Ouro Branco-MG**

O artigo intitulado “Alçamento das vogais médias pretônicas na cidade de Ouro Branco-MG”, de autoria de Dias (2011), descreveu os resultados de uma pesquisa na referida cidade, com vistas a analisar o alçamento das vogais médias pretônicas, por intermédio de um *corpus*, constituído de entrevistas com 8 (oito) informantes, estratificados socialmente por sexo, e faixa etária. Neste enquadramento, o trabalho tomou como base a Teoria da Variação e Mudança, subsidiada pelo modelo logístico multinominal, incluído no *software* SPSS para o tratamento estatístico dos dados.

Para esse fim, foram utilizados como variáveis linguísticas, os seguintes fatores: vogal da sílaba tônica, vogal entre a vogal da variável e a tônica, modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte e ponto de segmento seguinte.

Relativamente às variáveis extralinguísticas gênero e faixa etária, os resultados encontrados pela autora revelam que não exercem nenhuma influência para o alçamento da vogal /e/, contudo, com referência à faixa etária, os jovens favorecem o alçamento, o que indica indício de progressão. Sobre tal achado, Dias (2011, p. 106), sugere que “[...] é preciso [...] analisar a interação entre gênero e faixa etária”.

Paralelo a isso, a vogal média /o/ apresenta um indício de variável estável para os fatores gênero e faixa etária. Os resultados esclarecem que tais variáveis não exercem nenhuma força sob o alçamento da referida vogal.

No que respeita aos fatores linguísticos, os resultados encontrados pela autora desvendam que o alçamento da vogal /e/ é condicionado pela vogal da sílaba tônica: in, um, i, u; vogal entre a vogal da variável e a tônica: ausência, i, u, ausência; a inserção da vogal em morfemas, como nos prefixos *-de/-des*; e a existência de restrições lexicais. Já o alçamento de /o/ é favorecido pela vogal da sílaba tônica: in, un; vogal entre a vogal da variável e a tônica: i, u; modo de segmento precedente: oclusivas; modo de segmento seguinte: fricativas; e a existência de restrições lexicais. Por fim, Dias (2011, p. 109) conclui que no falar de Ouro Branco-MG “[...] ocorre a harmonia vocálica, desencadeada pela vogal alta seguinte [...]”.

#### **e) A fala de Salvador-BA**

Sobre o falar soteropolitano, destacamos a pesquisa *Um traço regional na fala culta de Salvador*, publicada por Barbosa da Silva (1991). O artigo é decorrente de sua pesquisa de tese de doutorado intitulada: *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*, em 1989.

Nessa conjuntura, a autora utilizou um *corpus* constituído com a fala de 24 (vinte e quatro) informantes, igualmente estratificados por sexo e faixa etária, mediante o projeto NURC-SSA. As análises de Barbosa da Silva (1991) conseguiram constatar que na variedade de Salvador, há a predominância do uso das vogais baixas [ɛ ɔ] em posição pretônica, com 60% das ocorrências.

Na análise quantitativa dos dados, Barbosa da Silva (1991) apresenta três regras principais com respeito à variação das médias pretônicas na fala culta de Salvador. Essa consideração foi conduzida pela apreciação de um fragmento de 8 (oito) horas de gravação do projeto NURC-SSA. Assim, apresentamos as regras:

- Regra categoria de timbre, que determina o sinal do traço [baixo] entre contexto no qual a pretônica está inserida, como em *cêrveja* [-bx] e *espòrtivo* [+bx];
  - Regra variável de elevação, que determina a troca do sinal do traço alto das pretônicas, como em *bruchura*, *curtina*;
  - Regra variável de timbre, que determina a “[...] troca do sinal do traço [+baixo] das pretônicas, especialmente antes das vogais altas, mas também antes de outras vogais e num determinado contexto social”.
- (BARBOSA DA SILVA, 1991, p. 88)

## **f) Falaes do Rio Grande do Sul**

O estudo intitulado *A regra variável de harmonização vocálica no RS*, de Schwindt (2002), tem como finalidade refletir sobre os fatores que contribuem para a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, realizado com dados do projeto VARSUL. O autor esclarece que a harmonização vocálica é, entretanto, um processo fonológico de caráter assimilatório, muito comum na língua portuguesa, em que uma vogal harmoniza-se com outra presente no vocábulo. A harmonia pode acontecer no abaixamento da vogal ou na elevação, foco do trabalho, que está pautado nas vogais altas [i u].

O pesquisador assevera que a vogais pretônicas podem ser elevadas por diversas razões, uma delas é de natureza eminentemente fonética como em *pequeno* ~ *piqueno*, *compadre* ~ *cumpadre*, que não se caracterizam como casos de harmonia vocálica, porque não há a presença de uma vogal alta envolvida no processo.

A amostra se constitui de dados de 64 (sessenta e quatro) informantes, 16 (dezesesseis) de cada cidade do Rio Grande do Sul, que compõem o Banco: Flores da Cunha (zona de colonização italiana), Panambi (alemães), São Borja (fronteiriços) e Porto Alegre (metropolitanos). Foram utilizados 12.133 (doze mil cento e trinta e três) dados, sendo 6.611 (seis mil seiscentos e onze) na análise de [e] e 5.522 (cinco mil quinhentos e vinte e dois) na análise de [o].

Para a análise, os dados foram submetidos ao pacote do programa computacional VARBRUL, que selecionou os seguintes fatores linguísticos: contexto precedente, contexto seguinte, contiguidade, localização morfológica, homorganicidade e tonicidade, para a vogal [e]; contiguidade, tonicidade contexto precedente, nasalidade, localização morfológica e contexto seguinte, para a vogal [o]. Para os fatores extralinguísticos foram selecionados os fatores: escolaridade, sexo, faixa etária e região, para a vogal [e]; escolaridade e região, para a vogal [o].

Com base nas análises do estudo, os resultados apontam que:

- A regra de harmonização vocálica no falar gaúcho tem aumentado substancialmente e este aumento continua atingindo, sobretudo a vogal [o] em detrimento de [e];
- A regra de harmonização vocálica não se encontra estagnada, contudo não é possível ainda falar de mudança;
- Os fatores sociais não apresentam motivações significativas para a regra de harmonização vocálica, fato que a aponta como variação estável, se forem consideradas tais variáveis;
- As variáveis linguísticas exercem um papel categórico sobre a regra de harmonização vocálica;
- Os fatores linguísticos sinalizam para a existência de uma outra regra, de natureza fonética, coexistente com a regra descrita na pesquisa.

Outro estudo sobre os falares do Rio Grande do Sul é o de Bisol (2014), intitulado: *Vogais pretônicas*, que visa discorrer sobre as variações das vogais médias em pauta pretônica, em variedades gaúchas, em termos de harmonização vocálica,

alçamento sem motivação aparente, elevação da vogal E inicial e diante de S e N e DES em posição inicial.

A partir da leitura do texto, é possível inferir que é comum, nas variedades do Rio Grande do Sul, a realização da vogal média pretônica fechada e alta. Neste contexto, Bisol (2014, p. 21) assegura que “[...] as médias abertas, /ε ɔ/, desaparecem no português falado no Sul/Sudeste [...]”. À vista disso, o sistema vocálico do português, que é constituído de sete vogais, /i u e o ε ɔ a/ é reduzido a cinco vogais, /i u e o a/, considerando o dialeto gaúcho.

Sobre a harmonização vocálica, Bisol (2014, p. 22) sustenta que tal processo que “atua na pretônica, sistema de cinco vogais, é um processo de assimilação em que a vogal alta, /i u/, expande seu traço de altura ou abertura para a vogal média vizinha, precedente, /e o/, convertendo-a em alta [...]”. Alguns dos exemplos dos falares gaúchos, citados pela autora são: alegria ~ *aligria*, bebida ~ *bibida*, preguiça ~ *priguiça*, bonito ~ *bunito*, cobrir ~ *cuprir*, formiga ~ *furmiga*.

A autora chega ao resultado, em termos de peso relativo, que a harmonização vocálica da média pretônica se propaga com mais recorrência na fala dos metropolitanos do que na dos fronteirios e bilíngues, de modo a despontar a vogal /i/ como deflagradora do alçamento vocálico, que tem maior força do que /u/, porque a primeira é mais alta que a segunda, o que condiciona com mais evidência a troca da média fechada pela aberta, como em menino ~ *minino* e bonito ~ *bunito*. Destaca ainda que “[...] /u/ é pródigo de /o/ (coruja~curuja), mas muitas vezes não altera a vogal /e/, a exemplo de legume, pergunta, perfume, mas não \**ligume*, \**pirgunta*, \**pirfume*”. (BISOL, 2014, p. 26, grifos da autora).

Por outro lado, há o alçamento sem motivação aparente, da vogal média em posição pretônica, que se materializa pela realização elevação da média sem a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, como em boneca ~ *buneca*, pequeno ~ *piqueno*.

É observado que “a harmonização vocálica é intermediada pela vogal alta como um assimilador inativo, aflorando a explicação em termos de alçamento sem motivação aparente que incluiria os verbos da segunda conjugação e outros casos de descontiguidade [...]”. Contudo, os casos que não se assentam aos condicionamentos da harmonia vocálica são explicados pela regra de difusão lexical, como vêm fazendo muitos pesquisadores, a respeito do alçamento sem motivação aparente, como fez

Silva (2014), na sua dissertação de mestrado: *Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses*.

Bisol (2014) destaca que a vogal /e/ inicial seguida de [s] ou [z], simbolizados por S ou seguida de nasal na mesma sílaba, simbolizado por N, alterna naturalmente com a vogal /i/, como em *estranho ~ istranho* e *emprego ~ imprego*. Paralelo a isso, o prefixo -des, confundiu-se com -dis, na história da língua portuguesa, daí temos as realizações *desmaio ~ dismaio* e *desolado ~ disolado*.

A pesquisadora argumenta que a substituição da vogal média por alta em eS, eN e deS, em posição inicial de palavra, tende a sofrer uma generalização. Considerando esta ideia, é evidente o risco que corre a vogal e de ser registrada apenas na escrita e, repetindo as palavras de Bisol (2014, p. 30), esta vogal “por vezes, funciona como guarida da história da língua”.

#### **g) A fala de Formosa-GO**

Sobre a referida comunidade de fala, damos atenção à pesquisa de dissertação de mestrado de Graebin (2008), intitulada *A fala de Formosa-GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. O objetivo foi o de analisar a variação das vogais, sob as três variantes detectáveis no panorama linguístico brasileiro: o abaixamento [ɛ ɔ], como ocorre em *òbrigado, difèrente*; a elevação [i u], como ocorre em *filiz, juelho*; e manutenção da média-fechada [e o], como ocorre em *cerrado, profissão*.

Para cumprir tal desiderato, o estudo foi desenvolvido sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, atrelada a três modelos teóricos sobre a mudança sonora: o neogramático, o difusionista e o dos exemplares.

Ao lermos o trabalho, percebemos a preocupação da autora em tratar o contato dialetal entre falantes de Formosa e de Brasília. Embora não tenha utilizado a Teoria da Acomodação da Comunicação, usou outras noções teóricas. A ideia da interferência do contato surgiu após a defesa do trabalho monográfico de graduação. Assim, entrevistou 7 informantes formosenses que trabalham em Brasília e 7 que não trabalham lá, a fim de estabelecer essa relação, com vistas à variação da vogal média pretônica.

Para a análise dos dados, a pesquisadora utilizou no grupo de fatores linguísticos, as seguintes categorias: a vogal seguinte, o seguimento seguinte, o segmento precedente e o acento secundário. No grupo de fatores extralinguísticos,

utilizou: classe socioeconômica, tipo de discurso e nível de escolaridade, sexo e contato com Brasília.

Quanto aos resultados, foi confirmada a classificação de Nascentes (1953), por intermédio de comparações com pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas sobre o fenômeno. Os estudos comparados foram os de Silva (1989), sobre o falar culto soteropolitano; Soares (2004), sobre o dialeto jeremoabense; Bortoni, Gomes e Malvar (1992), sobre o falar brasiliense; Callou, Leite e Coutinho (1991), sobre a variedade carioca; Bisol (1984) e Scwhindt (2002), sobre o dialeto gaúcho; Viegas (1995), Oliveira (1991), sobre o falar belo-horizontino.

Os estudos descritos nas pesquisas sobre os três primeiros dialetos estão classificados dentro dos limites da mesma isoglossa de Formosa. Já os três últimos, foram utilizados pelo fato de Graebin considerar o falar da comunidade de estudo, pertencente a uma esfera linguística abrangente.

A autora verifica que a ocorrência de abaixamento na fala de Formosa é bem menor que em Salvador e em Jeremoabo e maior que em Brasília. Graebin (2008, p. 122), assevera que não é uma novidade brasileira, senão uma herança do Português Europeu. Com relação ao falar nordestino, argumenta que os acentos secundários podem ter “[...] encontrado no padrão melódico das variedades nordestinas um ambiente propício para a proliferação e perpetuação, mais do que nos dialetos falados ao Sul e Sudeste do país [...]”.

Graebin (2008, p. 209) chegou à conclusão de que além dos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados para a análise dos dados, que foram submetidos ao Goldvarb-X, há outros fatores que interferem na variação tripartida da vogal média em posição pretônica na fala formosense, como a frequência (relacionada ao modelo difusionista) e a classe gramatical do item lexical.

A autora esclarece que a sua análise sustenta ainda que a variação das pretônicas não está ligada, exclusivamente ao nível fonético, o que a faz corroborar com as noções neogramáticas. Destarte, assevera que os resultados não indicaram um processo meramente difusionista. Ao apresentar tais considerações, deixa claro que o que ocorreu, realmente, nos dados analisados, foram influências “[...] de vários níveis da língua, num constante movimento e numa contínua relação, conforme o modelo dos exemplares proposto por Bybee (2002)”.

O levantamento histórico da pronúncia das vogais médias pretônicas foi considerado um aspecto importante a ser notado nas análises da pesquisa, visto que

a estudiosa reflete o acompanhamento do percurso, a compreensão das mudanças e a verificação da descrição dos contextos que propiciam o alteamento e o abaixamento das vogais no português do Brasil, bem como no europeu, como um fator considerável para que se tenha uma visão mais compreensiva e contínua da variação linguística. Por conseguinte, é notória a relevância da afirmação de que a fala de Formosa não é um fato isolado porque faz parte de um *continuum*.

É curiosa a preocupação de Graebin (2008) com relação ao contato dialetal entre variedades linguísticas distintas (Formosa - Brasília). Isso nos chamou muito a nossa atenção, contudo, os resultados da análise da variável “contato com Brasília” não foram satisfatórios para explicar a variação das vogais médias em posição pretônica.



### 3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como finalidade descrever os aspectos teórico-metodológicos seguidos na pesquisa. Assim, foi dividida em algumas subseções que cumprem o papel de apresentar os passos investigativos, para que cheguemos aos resultados.

#### 3.1 METODOLOGIA

Gerhardt e Sousa (2009, p. 11) exploram os conceitos de metodologia científica, de forma a desmistificá-la como “[...] um estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas [...]”.

Desta forma, a sistematicidade dos métodos permite desvendar problemas que foram levantados na pesquisa, levando-se em conta todo um percurso até que se chegue a uma conclusão. É neste caminho que buscamos descrevê-los aqui, nesta seção, a fim de que se conheçam os passos seguidos pelos pesquisadores até a conclusão da investigação, desde as orientações dos objetivos pretendidos.

Descrevemos os elementos importantes na realização da pesquisa, como o levantamento bibliográfico, a coleta e análise de dados, através de métodos e técnicas que possibilitaram a construção do *corpus* e tratamento sociolinguístico que a ele foi dispensado para, então, chegarmos aos objetivos pretendidos, estabelecendo, assim, a concretização da relação pesquisador-objeto, mediada pelos meios procedimentais necessários.

A seção de metodologia é de extrema importância em uma pesquisa científica, é por meio dela que o pesquisador conhece o modo como ocorre o processo de investigação, sobretudo quando o estudo tem como fio condutor, a sociolinguística. Assim, colabora para a definição de um planejamento de estudo, de uma organização, da identificação de materiais apropriados ao processo de elaboração do texto, das fontes utilizadas para consulta, do tratamento dos dados.

#### 3.2 MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Cezario e Votre (2015, p. 141) asseguram que “o linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos

que a favorecem ou que a inibem”. Tanto os fatores linguísticos como os extralinguísticos são de extrema importância para esclarecer particularidades dos informantes, de forma a contribuir para explicação da acomodação ou não acomodação das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.

Quanto à abordagem, esta pesquisa é qualitativa por duas razões: a primeira delas porque utilizamos os pressupostos da Teoria da Acomodação da Comunicação de Giles e Ogay (2007), a fim de analisar as atitudes linguísticas dos falantes gaúchos, com relação à variedade piauiense, para chegarmos a um resultado concreto sobre o processo de acomodação das vogais médias em pauta pretônica falada por gaúchos residentes em Teresina-PI; e a segunda porque utilizamos conjecturas teóricas da Etnografia da Fala de Hymes (1976), a fim de dar subsídio à análise de eventos de fala em situação de contato com teresinense. Atribuímos significados aos fenômenos interpretados.

A pesquisa também faz uma abordagem quantitativa, em virtude de usar o aporte teórico da Sociolinguística, de Labov (2008), com o auxílio do programa computacional Goldvarb X, utilizado pelos estudiosos da área, de modo a analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam a acomodação do fenômeno elegido.

Referente aos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória, descritiva e explicativa. Exploratória porque proporciona uma familiarização entre o pesquisador e o problema elencado, levantamento bibliográfico, entrevistas com os informantes, participação na coleta dos dados, análise das ocorrências do fenômeno elucidado. É descritiva porque descreve todo o conteúdo da amostragem, com vistas a situar o fenômeno linguístico elegido, envolve dados padronizados por intermédio de questionários e observações, na qual se ostenta a forma de levantamento. É explicativa porque busca a identificação dos fatores condicionantes da acomodação das médias pretônicas, explanando as atitudes linguísticas dos falantes, a análise estatística e a etnográfica.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a investigação é de campo, com orientação etnográfica. Por conseguinte, é de campo em virtude de envolver coleta de dados junto a informantes gaúchos residentes em Teresina. A rigor, a pesquisa não é etnográfica, senão orientada por seu procedimento, porque não participamos por extensos períodos da vida diária dos participantes como sugere a etnografia, mas

vivenciamos, junto a eles, eventos de fala, para poder realizar a última fase da análise dos dados.

### 3.3 CENÁRIO DA PESQUISA: DIALETOS EM CONTATO E INFORMANTES

Os dialetos envolvidos nesta pesquisa são o gaúcho e o teresinense. Quem já teve a oportunidade de conviver com falantes de tais variedades, pôde verificar grandes diferenças do ponto de vista da língua (a considerar aspectos fonológicos, semânticos, lexicais), entre ambos. Nesta direção, uma dessas distinções é a pronúncia da vogal média em posição pretônica, da qual lançamos mão para a execução dessa pesquisa.

Os informantes foram classificados, sobremaneira, segundo o tempo de residência em Teresina e caracterizados com o apoio de uma Ficha de Caracterização dos Sujeitos, que consta nos apêndices.

Quadro 4 – Informantes.

<b>Informante</b>	<b>Duração da entrevista</b>	<b>Tempo de residência em Teresina</b>
Informante 1	01:02:32s	4 anos
Informante 2	01:00:59s	4 anos
Informante 3	56:30s	5 anos
Informante 4	01:05:38s	8 anos
Informante 5	59:52	43 anos
Informante 6	45:37	19 anos

Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

### 3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Para tanto, o *corpus* da pesquisa foi constituído por intermédio de entrevistas realizadas com 6 (seis) informantes gaúchos que residem em Teresina, há no mínimo 2 (dois) anos. Logo, todas as entrevistas foram gravadas com o auxílio do aplicativo Gravador de Voz (Versão 3 (22.23.3321)), disponibilizado para *Android*.

A pesquisa apresentou riscos mínimos aos informantes. Assim, o risco propenso a suceder foi o fato de que eles foram convidados a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados e, neste momento, apresentaram aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a evidenciar certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Contudo, tivemos a preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

A pesquisa pôde trazer alguns benefícios aos participantes, tais como: conhecer melhor o seu modo de falar, bem como as diferenças dialetais com relação à vogal média pretônica falada por gaúchos e teresinenses. Consideramos, ainda, que puderam obter, de uma forma sistematizada, explicações para entender a acomodação ou não da fala, com respeito a aspectos sociais, culturais e etnográficos, partindo do *locus* de origem e da nova exposição comunicativa.

A investigação foi pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida. Na oportunidade, destacamos que será apresentado a cada sujeito, considerando que as entrevistas serão individuais, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa, conforme os padrões estabelecidos pela Instituição na qual foi feita a pesquisa.

Para as entrevistas, elaboramos um roteiro, com o objetivo de induzir o informante a um falar mais espontâneo, com a possibilidade de usar a sua linguagem do dia a dia, a que costuma usar com sua família e com amigos. Pretendemos, assim, nos desapegar da técnica formal, objetivando, por meio da técnica informal, levantar dados mais confiáveis, em que o informante não teve a preocupação de monitorar a sua fala no momento da entrevista com o pesquisador.

Os entrevistados foram submetidos a 4 (quatro) procedimentos, durante a coleta de dados, quais sejam: 1. Questionário aberto; 2. Questionário fechado; 3. Leitura de um texto; 4. Observação dos Eventos de Fala. Abaixo segue a descrição dos momentos:

1. Iniciamos com questões referentes à vida no Rio Grande do Sul, às diferenças socioculturais existentes entre aquele e Teresina. Perguntamos sobre a infância, sobre a vida escolar, sobre o trabalho, sobre viagens e sobre sonhos. É um momento em que deixamos o informante à vontade para falar;
2. Realizamos algumas perguntas específicas sobre as percepções linguísticas entre o falar gaúcho e o teresinense. Ademais, perguntamos sobre as suas atitudes com relação a essas diferenças;
3. Nesse momento, utilizamos o estilo de leitura de um texto de nossa autoria. Na construção do texto, empregamos palavras que continham as vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica. Pedimos duas leituras do texto, uma para o informante se familiarizar e a outra para ele se envolver, visto que na segunda leitura ele já estava mais fluente, como esclarece Lima (2013);
4. No quarto e último momento, detivemo-nos aos Eventos de Fala, em que foi possível uma observação sistemática sobre a interação entre o falante gaúcho e o teresinense, de apenas dois dos informantes, considerando a pouca disponibilidade deles para a participação em todas as etapas.

Para as entrevistas, elaboramos um roteiro, com o objetivo de induzir o informante a um falar mais espontâneo, em que ele pudesse usar a sua linguagem do dia a dia, a que costuma usar com sua família e com amigos. Pretendemos, assim, nos primeiros momentos da entrevista, nos desapegar da técnica formal, objetivando, por meio da técnica informal, levantar dados mais confiáveis, em que o informante não teve a preocupação de monitorar a sua fala no momento da entrevista com o pesquisador. Entretanto, no último momento, utilizamos uma técnica mais formal, que é o estilo de leitura. Com isso, pudemos utilizar o estilo como uma categoria de análise, como descreve esta metodologia.

A coleta de dados foi realizada em locais públicos, como por exemplo, universidade, em ambiente de trabalho e, em alguns casos, na própria residência, respeitando a disponibilidade dos informantes. Deixamos claro, ainda, que o informante (voluntário) estava livre para a qualquer momento desistir e encerrar a pesquisa, sem que lhe custasse nenhum dano. É válido destacar também que, para a pesquisa, não dispomos de nenhum custeio, por conseguinte, foi vedada qualquer relação financeira entre entrevistador e entrevistado.

### 3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Nesta subseção, fazemos a descrição do modo como as análises foram feitas, a considerar a análise qualitativa, sob o viés da Teoria da Comunicação da Comunicação de Giles e Ogay (2007), com relação às estratégias de acomodação adotadas pelos falantes e suas atitudes linguísticas; e da Etnografia da Fala de Hymes (1976), para analisar os Eventos de Fala que decorrem de situações de interação entre agentes gaúchos e teresinenses.

Em seguida, descrevemos como foi feita a análise quantitativa, sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o processo de acomodação das vogais médias em posição pretônica faladas por gaúchos em situação de contato dialetal com falantes de Teresina-PI.

#### 3.5.1 Análise quantitativa

Os dados coletados foram rodados no programa computacional Goldvarb X. A abordagem prévia da pesquisa pretenderá estudar todas as variantes encontradas sobre o fenômeno linguístico estudado. Entretanto, optamos por utilizar um modelo binário da variável dependente e, portanto, amalgamando todas as variantes encontradas. Neste modelo, “a variável dependente é tratada em termos das probabilidades e percentuais de acontecimentos de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa” (GUY e ZILLES, 2007, p. 141).

Tal procedimento foi relevante por vários motivos: a) a limitação do programa de computador Goldvarb X que só realiza análise binária; b) uma verificação ampla

dos contextos em que ocorrem as variantes não-padrão; c) a quantidade de dados reduzida para uma análise enéaria que poderia gerar nocautes por falta de dados.

Consideramos as seguintes variáveis dependentes:

**Fechamento da vogal /e/** – para a realização de *p[e]rgunta*.

**Abertura da vogal /ɛ/** – para a realização de *p[ɛ]rgunta*.

**Fechamento da vogal /o/** – para a realização de *f[o]rró*.

**Abertura da vogal /ɔ/** – para a realização de *f[ɔ]rró*.

Na escolha das variáveis independentes de análise estatística dos dados, fizemos uma derivação das de Marques (2006), que são descritas a seguir:

#### **a) Vogal da sílaba subsequente**

Marques (2006) propõe que esta categoria é relevante porque as vogais médias pretônicas podem sofrer influência de segmentos consonantais que lhes permeiam, com o tipo da consoante da sílaba subsequente e precedente.

#### **b) Contextos fonológicos precedente e c) subsequente**

Marques (2006) acredita que a consoante que precede as vogais tem influência sobre o comportamento das pretônicas. Neste caso, consideraremos a seguinte classificação: alveolar [t, r, d, n, l, s, z]; labiodental [p, b, f, v, m]; velar [k, g, r] e palatal [ɲ ʎ].

#### **d) Estilo**

Consideramos os questionários aberto e fechado bem com a leitura. Verificamos qual dos estilos, formal/informal, contribui com maior peso para a acomodação das vogais médias pretônicas.

Para as variáveis extralinguísticas, selecionamos as seguintes categorias:

#### **a) Tempo de residência em Teresina**

Nesta categoria, formamos três grupos, um com informantes gaúchos que residem em Teresina de 2 (dois) a 4 (quatro) anos; o outro com informantes que aqui residem entre 5 (cinco) e 9 (nove) anos, e, por último, informantes que vivem aqui há 10 (dez) anos ou mais.

#### **b) Frequência das visitas à comunidade de origem**

Consideramos, nesta categoria, a frequência das visitas feitas à comunidade de origem, pelos falantes gaúchos. De tal modo, verificamos por meio de um conjunto que se divide assim: semestralmente, anualmente e nunca.

### **3.5.2 Análise qualitativa**

Já nos dados qualitativos, consideramos as atitudes dos falantes, que estão influenciando a acomodação ou a não acomodação das vogais médias pretônicas faladas por gaúchos, submetidos ao contato dialetal com teresinenses. Vale destacar que as análises foram feitas por tópicos e, na abordagem qualitativa, destacaremos alguns fragmentos das falas dos informantes envolvidos na pesquisa.

Para analisarmos as atitudes dos falantes, consideramos:

- a) Percepção das diferenças dialetais**
- b) Avaliação da forma de falar do teresinense**
- c) Avaliação da forma de falar do gaúcho**
- d) Percepção da assimilação**

Fizemos, também, a análise dos eventos de fala, sob a ótica da Etnografia da Fala de Hymes (1976). Para empreendermos esta análise, fizemos uma derivação da metodologia de Lima (1996), cujos eventos são descritos mediante um esquema formal adaptado de Saville-Troike (1982), a considerar as seguintes aberturas:

**Evento:** descreve a atividade de interação social entre os falantes.

**Propósito:** descreve a finalidade da atividade de interação social.

**Participantes:** apresenta os participantes envolvidos na atividade de interação social.



**Formas de mensagem:** descreve os tipos de linguagem que guiam a interação social.

**Regras de interação:** descreve os acontecimentos decorrentes da atividade.

Tendo em vista este direcionamento teórico-metodológico, consideramos que foi uma escolha eficaz, à medida que o cruzamento entre a análise quantitativa e qualitativa possibilitaram uma melhor apreciação dos dados, conferindo a eles uma maior confiabilidade analítica, tal como apresentamos no capítulo seguinte.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb X, o qual nos possibilitou realizar 3 (três) rodadas, que são detalhadas abaixo:

- 1) Primeira rodada: identificação da realização das vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica, por parte dos informantes;
- 2) Segunda rodada: apresentação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Nesta rodada tivemos acesso aos resultados com a presença de nocautes em alguns fatores de especificação. Nocaute é “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente”. (GUY; ZILLES, 2007, p. 158);
- 3) Terceira rodada: seleção dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, os quais nos permitiram analisar a acomodação dialetal dos falantes gaúchos no novo grupo de contato, por intermédio dos pesos relativos. A partir desta rodada, foi possível realizar uma análise mais delineada dos referidos fatores.

De tal modo, fazemos primeiramente uma análise percentual da ocorrência das vogais médias /e/ e /o/ na pauta pretônica, extraída da fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, separadamente, que já nos permite idealizar a acomodação ou não do fenômeno estudado. No turno seguinte, analisamos, ainda, os fatores linguísticos e extralinguísticos que foram utilizados para as rodadas, dando ênfase, de maneira primária (com os dados percentuais), às variáveis selecionadas como significantes pelo Goldvarb X e, de maneira secundária, às que foram consideradas como não significantes para o processo de acomodação, pelo programa, mas que são, entretanto, relevantes para a compreensão dos resultados alcançados.

Assim, o gráfico, abaixo, apresenta a porcentagem relativa à recorrência da vogal média /e/ em posição pretônica na fala dos gaúchos.

Gráfico 1 – Acomodação da vogal média pretônica /e/



Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

O gráfico 1 nos revela que a realização da vogal média /e/ em posição pretônica não indica acomodação do falar teresinense, por parte dos falantes gaúchos, a considerar que aqueles a realizam aberta, ao passo que estes, a realizam fechada. Nesta conjuntura, os resultados, acima, revelam a ocorrência de 1% da abertura da vogal, em detrimento de 99% do fechamento da vogal. Bisol (2014) chama a atenção, sobre as variedades do Rio Grande do Sul, para o fato de que, no referido contexto de fala, coexiste a realização da vogal média pretônica fechada e alta, isto é, inexistente a abertura da vogal.

De modo análogo, é interessante ressaltar que a abertura da vogal média pretônica /e/ não está sequer em processo de assimilação na fala dos gaúchos, dado que a expressão percentual se mostra quase que categórica com relação à manutenção da vogal, de forma a apontar que os referidos falantes estão conservando tal fenômeno, de sua fala da comunidade de origem, por inúmeros fatores, os quais tentaremos compreender a partir da análise das variáveis linguísticas e

extralinguísticas, bem como das atitudes que eles empenham tanto sobre o falar do novo grupo quanto do de origem.

Das 5 (cinco) variáveis<sup>5</sup> independentes utilizadas para a codificação dos dados, apenas a variável vogal da sílaba subsequente foi selecionada como significativa pelo Goldvarb X, para a acomodação da vogal média /e/ em posição pretônica na fala dos informantes. A referida variável está detalhada na tabela, abaixo, conforme os dados extraídos do programa.

Tabela 1 – Vogal da sílaba subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Vogal baixa oral [a]</i>	2/179	1.1	0.32
<i>Vogal média nasal [õ]</i>	2/21	9.5	0.45
<i>Vogal alta oral [i]</i>	2/270	0.7	<b>0.76</b>

Com referência à tabela 1, podemos observar a predisposição da vogal alta oral [i] para a realização de abertura da média /e/, na fala dos gaúchos, a considerar o peso relativo de 0.76, que revela o condicionamento de tal fator para a variação da mencionada vogal média em pauta pretônica.

A partir deste resultado, é importante trazer à baila a seguinte questão: quando a vogal da sílaba subsequente, sobretudo a da sílaba tônica, é alta, há grande proporção de abertura da vogal precedente, no contexto de fala teresinense, visto que é um fator que condiciona tal variação na variedade nordestina. Para tanto, Silva (2009) aponta que os resultados sobre a vogal média em Teresina é semelhante aos de outros estudos sociolinguísticos, em que a predominância incide na realização da vogal média aberta em contextos de fala nordestinos, de modo que a vogal contígua e o contexto circundante revelam que pode existir “uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ɛ ɔ/ seja /a/”.

Ainda sobre o fator vogal da sílaba subsequente, Freitas (2001) assinala que o fechamento, abaixamento e alteamento das vogais médias pretônicas são desencadeados pela marca vocálica seguinte, independente da tonicidade. Contudo,

<sup>5</sup> A variável independente contexto fonológico subsequente foi excluída da rodada.

observamos que na fala de gaúchos, independentemente da vogal subsequente (átona ou tônica) ser aberta, a pretônica tende a realizar-se fechada, como palavra “serviço”.

Quadro 5 – Exemplo da variação da vogal média /e/ em posição pretônica

<b>Realização da vogal</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Falar característico</b>
Fechada	s[e]rviço	Gaúcho
Aberta	s[ɛ]rviço	Teresinense
Alteada	s[i]rviço	Gaúcho e teresinense

Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

Vejamos no quadro 5 que a média pretônica da palavra “serviço” pode ter três realizações, como já visto nos trabalhos sociolinguísticos antecedentes. O alteamento da vogal é comum aos dois dialetos, em contrapartida, o fechamento é realizado pelos gaúchos e abertura pelos teresinenses. Nas duas últimas realizações, há a influência da vogal alta oral [i] na sílaba tônica, isto é, ela é condicionadora da abertura e alteamento da vogal média /e/ em posição pretônica.

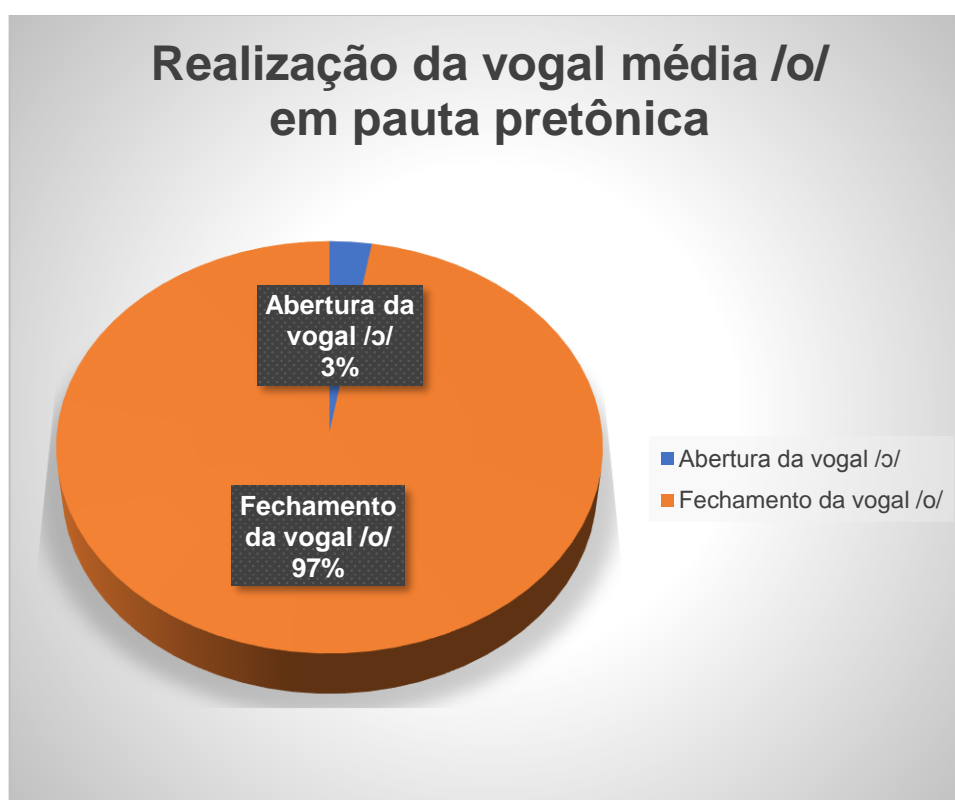
Nesta pesquisa, foi possível observar a independência do contexto vocálico subsequente, mesmo que os falantes estejam em contato diuturno com teresinenses, de forma que encontramos pouquíssimos casos de realização aberta, que seguramente, estão sendo influenciados por fatos socioculturais, indicando a mínima probabilidade de acomodação futura, que dependerá, essencialmente, de fatos sociais de representatividade da cultura/história/economia de Teresina. Neste contexto, corroboramos Giles e Ogay (2007), quando defendem que a comunicação não é influenciada apenas pelas características da situação imediata e orientações dos participantes, senão pelo contexto socio-histórico no qual a interação se insere, bem como fatores relativos à interação na acomodação, os quais vão além de troca de informações, ideologias e até mesmo a subjetividade interpessoal do agente comunicativo, que carrega em si a ótica perceptiva do estereótipo social.

É interessante observar que, neste grupo de fatores, a maioria deles deu nocautes pelo fato de terem sido considerados como regras categóricas pela realização total de 100% dos dados voltados para o fechamento da vogal média /e/ em posição pretônica. Os fatores são: vogal baixa nasal [ã]; vogal média nasal [ẽ];

vogal média baixa central [ɔ]; vogal média nasal [õ]; vogal média oral [o]; vogal média oral [e]; vogal alta oral [u]; vogal média-baixa [ɛ]; vogal alta nasal [ũ]; e vogal alta nasal [ɨ]. Consequentemente, tivemos que eliminar tais fatores, a fim de que o programa nos desse os pesos relativos e o fator de significância para a variável dependente.

Algumas variáveis independentes foram selecionadas pelo Goldvarb X como não significantes, como foi o caso do contexto fonológico precedente (variável linguística, considerando que o contexto fonológico subsequente foi eliminado da rodada); estilo (variável estilística); frequência das visitas e tempo de residência (variáveis extralinguísticas) em Teresina. Isto posto, podemos, pois, inferir que a não acomodação da vogal média /e/ em posição pretônica tem que ver com a insignificância de tais grupos de fatores, uma vez que eles acarretam um papel preponderante no processo acomodativo.

Gráfico 2 – Acomodação da vogal média pretônica /o/.



Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

O gráfico 2 nos revela dados parecidos com o gráfico 1, discutido anteriormente. Neste caminho, o resultado encontrado aponta que a vogal média /o/ em pauta pretônica, falada por gaúchos em situação de contato comunicativo com

teresinenses não sofreu acomodação dialetal, no que respeita à realização da abertura da vogal. Em termos percentuais, há uma enorme discrepância entre a abertura e o fechamento da vogal média pretônica /o/, apresentando 3% e 97%, respectivamente.

Com relação às variáveis independentes, o programa selecionou como significantes o contexto fonológico subsequente, a vogal da sílaba subsequente, o contexto fonológico precedente e o estilo, respectivamente na sequência de relevância. Como não significantes, as variáveis frequência das visitas à comunidade de origem e o tempo de residência em Teresina.

Tabela 2 – Contexto fonológico subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Alveolar</i>	12/345	3.5%	0.46
<i>Velar</i>	1/65	1.5%	<b>0.68</b>
<i>Labial</i>	3/151	1.9%	0.21

O contexto fonológico subsequente foi o primeiro grupo selecionado na escala de relevância, pelo programa. Silva (2009) apresenta que o contexto seguinte das consoantes circundantes é mais favorecedor à realização das médias fechadas no falar teresinense, considerando a possibilidade de ocorrência, já que se trata de variação tripartite. Relativamente ao contexto de fala de variedades do sul, percebemos há precaríssima recorrência da abertura da vogal, de forma a apresentar, outrossim, um peso relativo de 0.68 para a velar, fato que coloca tal contexto fonológico como favorecedor para a realização de /ɔ/, diante da alveolar e da labial.

Ressaltamos, ainda, que houve a necessidade de recodificação dos grupos, em que tivemos que eliminar a palatal e a alveopalatal, em virtude dos nocautes, pelo fato de apresentarem uma regra categórica, de 100%, para o fechamento da vogal média /o/ em posição pretônica.

Tabela 3 – Vogal da sílaba subsequente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Vogal média baixa [ɛ]</i>	2/36	5.6%	<b>0.79</b>
<i>Vogal alta oral [i]</i>	11/148	7.4%	0.31
<i>Vogal baixa [a]</i>	2/132	1.5%	0.51
<i>Vogal média baixa [ɔ]</i>	1/6	14.3	0.47

Sobre a vogal da sílaba subsequente, a que se mostra mais favorável à realização da vogal média pretônica aberta /ɔ/, é a vogal média baixa /ɛ/. Neste contexto, citamos Silva (2009) e Bisol (2014) para mostrar que a altura da vogal da sílaba subsequente favorece a realização da vogal pretônica, contudo, é perceptível que tal condição não se aplica ao contexto dos gaúchos em situação de contato com teresinenses. Isto revela que, pelo fato de estarem em contato comunicativo com a realização ora aberta, ora fechada e ora alteada, pode estar, conseqüentemente, influenciando na manutenção na média fechada, em termos fonológicos.

Na pronúncia da palavra “fórró”, por exemplo, observamos que mesmo sendo a vogal da sílaba subsequente, átona e aberta, os falantes ainda, assim, mantêm a pronúncia da média pretônica fechada. Neste caso, o teresinense falaria: f[ɔ]rró, em detrimento de f[o]rró, marca da fala do gaúcho.

É interessante ressaltar que, neste grupo de fatores, ocorreu nocautes pelo fato de terem sido considerados como regras categóricas pela realização total de 100% dos dados voltados para o fechamento da vogal média /o/ em posição pretônica. Os fatores são: vogal baixa nasal [ã]; vogal média nasal [ẽ]; vogal média nasal [õ]; vogal média oral [o]; vogal média oral [e]; vogal alta oral [u]; vogal alta nasal [ũ]; e vogal alta nasal [ɨ]. Conseqüentemente, tivemos que eliminar tais fatores, a fim de que o programa nos desse os pesos relativos e o fator de significância para a variável dependente.



Tabela 4 – Contexto fonológico precedente

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Velar</i>	2/131	1.5%	0.50
<i>Labial</i>	6/294	2.0%	0.43
<i>Alveolar</i>	8/151	5.0%	<b>0.54</b>

A tabela 4 nos mostra que o contexto fonológico alveolar é o que mais favorece a realização da vogal média aberta /ɔ/, com um peso relativo de 0.54, a considerar o escasso uso de tal fenômeno variacional. É interessante ressaltar que, o contexto da velar desponta com um percentual relativo de 0.50, que se coloca bem próximo do contexto alveolar.

Neste grupo também houve a necessidade de recodificação, visto que houve nocautes por causa de regras categóricas, com relação aos contextos, palatal e alveopalatal, os quais são responsáveis pelo condicionamento da realização da vogal média fechada /o/, o que põe em pauta a conservação do fechamento da vogal pelos falantes gaúchos.

Tabela 5 – Estilo

<i>Fator</i>	<i>Abertura</i>		
	Aplicação/Total	%	PR
<i>Questionário aberto</i>	6/157	3.8%	0.48
<i>Questionário fechado</i>	10/300	3.3%	<b>0.50</b>

A tabela 5 nos apresenta um peso relativo de 0.50 para o estilo de questionário fechado, ou seja, é o fator que apresenta um maior condicionamento para a realização da abertura da vogal média pretônica, considerando, outrossim, a sua pouquíssima ocorrência em comparação com o fechamento da vogal.

Na realidade, é um resultado que nos surpreende, apesar da diferença ser muito pequena, dado que o questionário aberto apresenta um peso relativo de 0.48 contra 0.50. Esperaríamos que o questionário aberto apresentasse um peso relativo consideravelmente maior que 0.50, pelo fato de ser um estilo informal, em que os

interagentes não tendem a se policiar tanto quanto diante de um questionário fechado, na situação de interação comunicativa.

É importante relatar que houve regra categórica com o total de 100% para o uso linguístico do fechamento da vogal média pretônica /e/ no estilo de leitura. Quiçá por ser um estilo muito formal, em comparação com os demais, os informantes monitoraram a sua fala, para que realizassem a manutenção da vogal média pretônica, dando provas da conservação do falar de origem, em detrimento do falar do novo grupo de contato comunicativo. Em outras palavras, provas da não acomodação dialetal do falar teresinense, com relação à abertura da vogal média pretônica: /o/ > /ɔ/.

Portanto, cabe destacar, ainda, que dois grupos de fatores foram selecionados como não significantes pelo Goldvarb X: as variáveis frequência das visitas e tempo de residência em Teresina. Mais uma vez, essas duas variáveis foram consideradas insignificantes, uma vez que estudos como os de Marques (2006) e Lima (2013) apontam que elas são de extrema importância para o processo de acomodação, quanto menos numerosas são as visitas à comunidade de origem e maior o tempo de exposição à nova situação comunicativa, maior a possibilidade de que aconteça a acomodação.

## **4.2 TRATAMENTO QUALITATIVO DOS DADOS**

### **4.2.1 Atitudes linguísticas dos falantes**

A análise das atitudes linguísticas dos falantes foi feita de forma individualizada para cada informante. Neste contexto, para analisarmos tais atitudes, consideramos:

- e) Percepção das diferenças dialetais
- f) Avaliação da forma de falar do teresinense
- g) Avaliação da forma de falar do gaúcho
- h) Percepção da assimilação

## Informante 1

A Informante 1 é natural de Porto Alegre (RS) e já reside em Teresina (PI) há 4 (quatro) anos. Ela vive com a sua filha, de 15 (quinze) anos e tem muito contato com teresinenses, diuturnamente, em diversos ambientes, tais como faculdade, trabalho, escola em que a filha estuda e amigos.

Contudo, observamos que ela não acomodou ao falar local, com relação à abertura das vogais médias em posição pretônica. A partir das respostas aos questionamentos que lhes foram feitos, fica evidente a sua gana de falar como os teresinenses, mas ela mesma reconhece que é muito difícil um falante perder o seu sotaque ao sair de sua terra natal. Ademais, reconhece perfeitamente de que se tratam de duas realidades linguísticas distintas, a teresinense e a gaúcha.

A sua identidade de origem é conservada por inúmeros motivos. Dentre eles, a avaliação e atitude linguística que, subjetivamente, influenciam na manutenção das vogais médias na pauta pretônica.

## Percepção das diferenças dialetais

Evidenciamos na fala da Informante muitas marcas do falar teresinense, mas com respeito, principalmente, às variedades lexicais. Neste contexto, ela ressaltou, inclusive, a necessidade de adquirir o léxico do falar local, sobretudo, para compreender e ser compreendida nas situações de interações comunicativas, deixando de reproduzir algumas e conservando outras. Por exemplo, resalta que termos como “capaz”, que aqui no falar teresinense seria “de nada”, para responder ao “muito obrigado”, ela deixou de usar. Em contrapartida, o termo “guri”, mantém-se em sua fala cotidiana.

Perceber que entre um dialeto e outro existem diferenças é um fator primordial para a acomodação dialetal, além de outras razões que também são relevantes para que o falante se adapte à nova realidade comunicativa, como os aspectos culturais. A Informante, nesta direção, apresenta a seguinte visão:

*Já conhecia as diferenças, não sinto esse calor absurdo que as pessoas falam, a comida eu amo, a comida nordestina, amo a cultura, eu gosto demais do*

*povo daqui, então assim, eu não senti esse impacto, porque eu já conhecia, eu já convivia muito.*

(INFORMANTE 1)

Na resposta da Informante 1, sobre as diferenças na fala entre a realidade gaúcha e a teresinense, percebemos que ela atribui à segunda realidade uma certa aproximação pelo fato de gostar muito da cultura nordestina, em especial a de Teresina (PI), em que relata que já a conhecia. Assim, já fez a sua mudança residencial conhecendo não só as diferenças existentes na fala, como também as diferenças culturais, como na culinária.

A Informante 1 faz o seguinte relato:

*Porque eu sou diferente né, branca, alta, lôra, aí eu não uso mais salto. Não uso mais salto! E eu amava usar salto, não uso, não sei porque no dia em que me ver numa festa de salto é estranho, porque quando chego, pareço um bicho de zoológico, daí as pessoas não chegam pra mim, tudo bem? como é teu nome? tu não é daqui, né!*

(INFORMANTE 1)

Além das diferenças no jeito de falar, a Informante 1 se posiciona sobre diferenças de estilo, pelo fato de usar um salto, por traços físicos, que podem ser tachados como característicos do gaúcho, pela cor da pele, do cabelo, pela altura. Nesta perspectiva, corroboramos Giles e Ogay (2007), quando asseveram que, embora a linguagem seja o ponto de partida para a teoria da acomodação, há que se considerar outros aspectos, como símbolos comunicativos participativos na interação interpessoal dos indivíduos e que são tidos como sinalizadores de identidade, como roupas, penteados, cosméticos, padrões alimentares. De modo análogo, foi o que se pôde perceber com a fala da Informante 1, dado que nos levar a vislumbrar a língua não de forma isolada, mas considerar fatos sociais que estão involucrados na situação de interação interpessoal entre os interagentes. Destarte, língua, cultura e sociedade estabelecem entre si uma parceria antológica para a compreensão da linguagem, a considerar os diferentes usos linguísticos.

### **Avaliação da forma de falar do teresinense**

A Informante 1 destaca: “*O meu sonho era falar igualzinho*”. Todavia, notamos tanto a sua consciência das diferenças na fala entre as comunidades gaúcha e teresinense quanto do seu jeito peculiar de falar, que conserva, indistintamente, a sua identidade linguística de origem, relativamente aos aspectos observados. Ela apresenta, por conseguinte, uma atitude positiva com relação ao falar da nova situação de contato.

Isto posto, nos leva a inferir que a Informante 1 apresenta uma avaliação positiva sobre o falar teresinense, porém, não é o suficiente para que ela passasse pelo processo de acomodação de fenômenos de língua, como o da vogal média pretônica, visto que outros fatores apresentam contributos para tal procedimento. Seria, então, a influência do tempo de convívio com a nova realidade, que são exatamente 4 (quatro) anos. Pesquisas sociolinguísticas destacam que tal quantidade de tempo é insuficiente para que o falante se acomode, a depender, outrossim, de fatores socioculturais.

Quando perguntamos sobre a sua percepção sobre o preconceito gerado contra os teresinenses acerca do modo de falar, ela contestou da seguinte maneira:

*Na verdade, o nordestino sofre discriminação pelo Brasil. E infelizmente pelos sulistas, muito né.*

(INFORMANTE 1)

De tal modo, a Informante 1 tem a convicção de que o dialeto de sua nova realidade comunicativa sofre preconceito em todo o Brasil e de forma intensa por parte dos sulistas. Diante de tal lucidez, poderíamos considerar esta percepção como um fator que sensibiliza a manutenção de fatos linguísticos originários do Rio Grande do Sul em seu modo de falar.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

A avaliação que o falante faz também é um fator que pode contribuir para a acomodação dialetal em um novo ambiente de interação. Se ele desenvolve uma

avaliação positiva do seu lugar de origem, a tendência é que conserve a sua fala, se negativa, a tendência é se acomodar à nova situação comunicativa. Nas palavras de Giles e Ogay (2007) são a convergência, para o primeiro caso, e a divergência para o segundo. Para entendermos essa questão, perquirimos a Informante 1 sobre a avaliação que ela tem de seu lugar de origem. Assim ela respondeu:

*Ai, eu gosto né, sou bairrista, a gente chama bairrista né, eu amo, bairrista é quando você tem paixão pela sua terra, então, assim, eu gosto demais, mas eu sei dividir.*

(INFORMANTE 1)

Na fala da Informante 1, percebemos a consideração que ela tem pelo Rio Grande do Sul. Fica evidente a paixão que sente por lá, a ponto de considerar-se bairrista, aquela que defende os interesses e entusiasmos de sua terra. A partir desse ponto de vista, entendemos que ela apresenta uma atitude positiva com relação ao seu local de origem, o que nos levar a pontuar mais um fato que corrobora para que ela divirja do falar teresinense, com respeito à abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

### **Percepção da assimilação**

A assimilação é um fator interessante no processo acomodativo, uma vez que o próprio falante pode não se dar conta de que diverge de sua fala de origem e converge ao novo falar de contato ou o contrário, por intermédio das estratégias apresentadas por Giles e Ogay (2007), a convergência e a divergência linguísticas.

A Informante 1 dá a seguinte resposta ao questionamento sobre a assimilação entre os falares gaúcho e teresinense:

*[...] eu queria e sempre quis falar igual [ao falar teresinense] porque quando alguém me perguntasse, eu abria a boca e dizia: não eu sou daqui, mas não adianta, eu não perco o sotaque [...].*

(INFORMANTE 1)

A referida Informante mostra-se racional ao se tratar sobre a assimilação entre os diferentes falares. Segundo a sua percepção, ela tenta convergir ao falar teresinense, mas não consegue perder o sotaque de origem. Neste sentido, entendemos que as estratégias linguísticas vão além do desejo do falante de se adaptar ou não. Há forças maiores que interatuam na ação, que têm que ver tanto com aspectos da língua quanto com aspectos fora dela, permeando a cadeia social e interpessoal do interagente.

A Informante 1 destaca:

*[...] a minha família acha que eu peguei o sotaque daqui, mas eu não peguei o sotaque daqui, eu falo as coisas que as pessoas falam aqui, mas não é o sotaque daqui, é o dialeto né, não sei se aqui vocês chamam assim também, então, assim, eu aprendi a falar o que o povo fala aqui, mas o sotaque é de lá, então eu acho que a convivência faz isso.*

(INFORMANTE 1)

Então, a própria fala da Informante 1 explica o fato que queremos colocar com essas ponderações, nesta questão. Ocorre que, quanto à prosódia, isto é, as características pertinentes à emissão dos sons falam, como o acento e a entoação, que é o que ela chama de sotaque, são preservadas e são divergentes das características prosódicas de Teresina, o que de certa forma tende a influenciar a realização das vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica, como fechadas ou elevadas, mas dificilmente abertas, como ocorre no dialeto teresinense.

Ainda sobre a colocação da Informante 1, acima, é interessante destacar, sobremaneira, com relação à acomodação da fala, a informação que ela enfatiza, ao considerar a convivência um fator que contribui para a assimilação entre dialetos. De fato, a convivência entre os falantes cumpre um papel primordial nas escolhas das estratégias linguísticas para a acomodação. A partir da convivência no novo ambiente de contato dialetal, é que o falante materializa as suas atitudes linguísticas. Se ele quer se inserir na comunidade, interagir melhor com o novo grupo, aproximando-se, terá uma atitude linguística positiva, que contribuirá, conseqüentemente, para a concretização da estratégia de convergência. No entanto, é necessário observar os

aspectos socioculturais e econômicos do grupo alvo, porque também são fatores essenciais para a formação do comportamento linguístico.

## Informante 2

O Informante 2 é natural de Porto Alegre (RS), o qual reside em Teresina com a sua família há pelo menos 4 anos, motivado pela aprovação de sua esposa em um concurso público federal. Ele costuma visitar a sua família de origem, anualmente, e no novo grupo de contato tem contato diuturno com os teresinenses, principalmente no trabalho, em que lida com muita gente, diariamente.

Analisando a fala do Informante 2, com relação às vogais médias pretônicas /e/ e /o/, observamos que ele não acomodou à fala dos teresinenses, por inúmeros fatores, sobretudo os sociais. O tempo de exposição ainda é muito curto, visto que pesquisas sobre acomodação revelam que para um falante acomodar-se ao outro falar, são necessários no mínimo 10 (dez) anos de convívio, além de sua atitude com respeito ao novo grupo de contato dialetal.

## Percepção das diferenças dialetais

*Em relação às pessoas do Piauí, né, têm um sotaquezinho, aqui, pelo menos que eu vejo, aquele aspirado de ‘porta’ [...] ‘Se tivesse como’, ‘se tivesse um meio ou uma forma de eu estar lá’, isso é uma coisa que em Porto Alegre, Gaúcho usa, ‘ah! não tem como’, ‘me alcança o papel’, ‘ah! tô ocupado, não tem como’.*

(INFORMANTE 2)

A fala do Informante 2 indica que ele tem consciência das diferenças dialetais entre o falar gaúcho e o teresinense, ao afirmar que os piauienses têm um “sotaquezinho”, de forma a demarcar as diferenças.

Embora ele tenha usado o termo no diminutivo, percebemos que a sua intenção não foi a de menosprezar o sotaque do Piauí, mas de atenuar o sentido de que tanto ele quanto o piauiense têm jeitos peculiares de falar. Na oportunidade cita como exemplos, a pronúncia aspirada do -r e o uso da expressão “me alcança o papel”, a qual é muito utilizada pelos gaúchos.



*[...] gaúcho é um pouco mais fechado e ele não se manifesta assim [...] manifestação cultural, partindo do princípio da cultura, bom eu vou te dizer que aqui em Teresina vejo menos manifestação cultural do que lá [...]*

(INFORMANTE 2)

Ao ser questionado sobre as diferenças existentes entre o gaúcho e o teresinense, o Informante 2 relata que em termos de manifestação cultural o gaúcho é mais empreendido. Observamos, sobremaneira, que essa visão cultural que o gaúcho tem sobre o novo grupo, bem como a característica que ele atribui ao seu povo de origem, como sendo “fechados”, em outras palavras, pessoas que cultivam a preservação de seus sentimentos e compartilhamentos de experiências, amizade, podem estar influenciando na não acomodação das vogais médias pretônicas em posição pretônica falada por teresinenses, ao se depararem com a nova situação de contato dialetal.

### **Avaliação da forma de falar do teresinense**

*[...] eu acho que eu não tenho problema nenhum da forma como você fala, o problema é que gera preconceito, né, da pessoa [...] às vezes você não gosta da pessoa e ela se utiliza do sotaque pra não gostar de ti ou dizer que você não gosta da forma como ela fala, gera conflito por causa das pessoas, não por causa da forma de falar.*

(INFORMANTE 2)

Este trecho mostra que o Informante 2 demonstra uma atitude linguística positiva do falar teresinense, destacando a sua repulsa ao preconceito social que as pessoas geram sobre as diferenças no tocante à língua. Destaca, ainda, que a forma de falar daqui não o incomoda, pelo contrário, reconhece que as diferenças merecem uma atenção especial e que devem ser respeitadas, tanto do ponto de vista do nativo, quanto do imigrante.

Sobre o questionamento, ele finaliza que, o que o incomoda, é o fato de as pessoas utilizarem as diferenças na fala para criarem preconceito e executarem exclusão social. Para ele, a forma como os teresinenses falam é original. Assim, podemos entender que o Informante 2 avalia positivamente o falar teresinense e apresenta-se como um indivíduo adepto ao relativismo cultural.

Já que ele tem uma avaliação positiva sobre o falar teresinense, poderíamos nos questionar: por que ele não acomodou? Bom, no tópico seguinte, podemos ver que a sua identidade de origem é muito valorizada e, por questões socioculturais, o seu jeito de falar é conservado, sobretudo, no que respeita à entoação e tonicidade.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

*É diferente do resto do Brasil [...]*

(INFORMANTE 2)

A resposta do Informante 2 a respeito do falar do gaúcho foi bem simplista, para ele, é diferente dos demais falares existentes no Brasil. No entanto, pudemos observar que ele tem um grande apreço pela sua terra e pela forma como lá se fala, demonstrando, de tal modo, uma atitude positiva relativa à sua fala de origem, fato que contribui para que ele a conserve, mesmo estando em contato com outro grupo de falantes.

### **Percepção da assimilação**

*Sim, sim, principalmente expressão do Sul, porque você vai cuidando, né, porque impressiona as pessoas ou cria distancias, né, então tu vai evitando, o Tchê, por exemplo, 'para de fazer isso aí tchê!'. Tchê com um sentido de você, de companheiro, camarada, amigo. 'Tchê, tudo bem, tchê? Amigo, tá bem amigo?', daí principalmente 'você', porque em Porto Alegre eles usam muito mais tu, mas daí também não dá pra ser regra porque o cearense aqui eles tudo falam tu.*

(INFORMANTE 2)

No excerto, é evidente que o Informante 2 percebe que está assimilando algumas expressões do falar teresinense e deixando outras de lado, pelo fato de melhorar o entendimento entre eles e os falantes do novo grupo de contato e como uma forma de promover uma maior aproximação social. Por exemplo, relata que a expressão “tchê” ele não utiliza mais e que passou a utilizar mais o “você” no lugar do “tu” porque percebeu a diferença entre os usos dialetais.

De fato, a mesma situação acontece com os outros informantes, a assimilação de formas acontece mais no nível lexical, uma marcação da variação diatópica, do que no nível fonético-fonológico, uma vez que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ são pronunciadas abertas ou alteadas, pelo Informante 2, o que dá provas da conservação de sua fala de origem com relação ao referido fenômeno, isto é, utilizam a estratégia de divergência do estilo da pessoa do agente participativo da interação, independentemente do comportamento de comunicação do interlocutor. (GILES; OGAY, 2007).

### **Informante 3**

O Informante 3 é natural de Caxias do Sul (RS) e vive em Teresina há 8 (oito) anos. Como toda a sua família mora ainda no sul do país, ele a visita semestralmente. Ele trabalha como sorveteiro em um centro comercial, tem muito contato com os teresinenses, no trabalho, na vizinhança.

Contudo, apesar do histórico de contato com falantes do novo grupo, considerando, também, que já foi casado com uma teresinense com quem teve uma filha, conviveu com a família dela e amigos, o referido Informante não apresentou acomodação do falar teresinense, no que respeita à pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.

### **Percepção das diferenças dialetais**

*Sim, o sotaque é diferente, poderia citar palavras que são, lá são usadas de uma forma e aqui de outra, por exemplo, aqui quando o piauiense, o nordestino diz Eita! Né, pra nois é o Bah! A mesma coisa, que o Bah! É o Eita! Eita! Bah! [...] tem o tom de exclamação [...]*

(INFORMANTE 3)

O Informante 3 reconhece, também, que existem diferenças dialetais entre os falares, citando exemplos de itens lexicais que são desconhecidos no falar teresinense e comuns no gaúcho. Ele já vive em Teresina há 8 (oito) anos, contudo, sentimos que do ponto de vista lexical houve muita assimilação, mas com relação ao nível fonético-fonológico, especialmente, a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica não foi acomodada.

### **Avaliação da forma de falar do teresinense**

*Normal, hoje pra mim é normal né, exceto nessas situações aí, de pessoas mais interioranas né, normal.*

(INFORMANTE 3)

O Informante 3 admite que o falar teresinense é normal, nesse sentido, podemos considerar que ele demonstra uma avaliação positiva de tal dialeto, contudo, percebemos, em sua fala, que ele toma a estratégia de divergência linguística, talvez para chamar a atenção dos falantes locais, já que é um empreendedor na cidade de Teresina (PI). Destacamos esta questão, pelo fato de o próprio informante considerar que o gaúcho, diferentemente do teresinense, é melhor aceito e visto em todo o território brasileiro.

Considerando o exposto, corroboramos Clavet (2002) ao afirmar que o comportamento linguístico dos falantes é provocado por diferentes normas não só linguísticas, senão sociais. Assevera, ainda, que duas consequências decorrem em virtude do comportamento linguístico: primeiro, o modo como os falantes encaram a própria língua e, por último, as reações naturais dos falantes sobre o falar dos outros.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

*Sabe que quando eu tava lá, eu não notava, assim o sotaque tão carregado, hoje eu vejo na televisão, meu Deus! principalmente o pessoal de Porto Alegre que é a capital, fala muito engraçado, é, meio cantado, meio, assim, é, esquisito, bem exposta, lei[te] quen[te], eles falam bem assim; Por exemplo chimarrão, também, é chamado de mate, eu digo ma[ʃi], eles ma[te].*

(INFORMANTE 3)

O Informante 3 relata que, quando morava em Caxias do Sul (RS), não percebia as diferenças existentes entre o falar gaúcho e os outros jeitos de falar do Brasil. Neste sentido, é interessante destacar que o primeiro passo para o processo de acomodação dialetal é quando o falante percebe que existem diferenças entre os diversos dialetos do país. A partir disso, de suas atitudes linguísticas e de outros fatos sociais, haverá uma possibilidade de acomodação futura.

Percebemos, então, que houve uma mudança de atitude do Informante 3 sobre o falar gaúcho, após vir para Teresina (PI) e detectar as diferenças dialetais. Percebemos essa questão, por intermédio de avaliação negativa a partir de termos pejorativos como “engraçado” e “esquisito”. Entretanto, essa atitude negativa é direcionada mais aos falantes da capital, considerado que ele é caxiense.

### **Percepção da assimilação**

*Sim, porque o gauchês ele diminuiu ao passo que a gente começa a conviver com as pessoas daqui, a gente começa a atribuir na nossa fala expressões culturais, tanto pro entendimento e pronta compreensão das pessoas que tão me ouvindo, que são daqui [...] tudo aquilo que a gente absorve no dia a dia, a gente passa também a usar no nosso vocabulário, às vezes até de forma involuntária, se você conviver com um gaúcho, vamos dizer vinte quatro horas do seu dia, uma hora ou outra, quer queira quer não, você vai usar alguma expressão.*

(INFORMANTE 3)

Diante desta resposta, identificamos que o Informante 3 tem consciência de que existe acomodação dialetal e que ela, ainda, pode ocorrer de forma involuntária.

Ele destaca que a convivência é responsável para que haja assimilação de fatos linguísticos, a depender de condicionamentos sociais que entremeiam as duas realidades expostas à situação de comunicação.

Com relação à pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica, vimos que o falante não acomodou, ou seja, ele diverge o seu modo de falar do teresinense, não porque gera preconceito ou demonstra atitude negativa sobre o novo grupo, mas por manter uma imagem social de prestígio diante de sua condição de novato e empreendedor na nova comunidade de contato.

#### **Informante 4**

A Informante 4 é natural de Porto Alegre (RS) e reside em Teresina há 5 (cinco) anos, com o seu esposo e um filho, que é chapecoense. Anualmente frequenta a sua terra natal para visitar a família ou fazer pesquisas. A referida Informante tem contato com teresinenses na escola do filho, no trabalho, na vizinhança.

#### **Percepção das diferenças dialetais**

*[...] é uma coisa que eu gosto de manter também, porque afinal de contas eu sou filha de algum lugar, mas eu acho que antes de mais nada eu sou brasileira, sempre, mas eu sou, eu acho muito triste quando você pega uma pessoa que, eu não gosto muito desse sectarismo, o que pra mim não é regionalismo, muitas vezes acaba se tornando sectarismo, você, não eu sou e sou entendeu, você se afasta, você se aparta do resto do país, não é nem assim.*

(INFORMANTE 4)

Com esta fala, a Informante 4 revela, explicitamente, um reconhecimento sobre as diferenças dialetais, mas, contudo, gosta de manter marcas linguísticas do seu falar de origem, defendendo o posicionamento de que tem uma identidade e que ela deve ser preservada, porque enquanto ser social, é filha de um lugar. Implicitamente, entendemos o seu distanciamento do falar teresinense no tocante às vogais médias pretônicas, por realizá-las fechadas ou alteadas. Neste sentido, Giles (1973, apud

LIMA, 2013), argumenta que o falante se distancia do seu interlocutor, mantendo as suas características de origem por valorização e preservação cultural, executando uma estratégia de divergência linguística.

### **Avaliação da forma de falar do teresinense**

*Pra mim, o falar teresinense, é um falar leve [...] é um sotaque levemente anasalado, eu acho, eu percebo, eu acho assim que existe uma grande diferença entre o falar do teresinense e o falar dos outros nordestinos [...]*

(INFORMANTE 4)

A Informante 4 considera o falar teresinense “leve”, a partir dessa característica atribuída por ela, poderíamos construir vários sentidos. Porém, à medida que fomos prolongando a entrevista, percebemos que ela demonstra uma atitude positiva com relação ao falar de Teresina, em que se apresenta defensiva das questões sociais, sobretudo, no que respeita à forma como as pessoas falam, seja no Piauí, seja em qualquer lugar do Brasil.

É interessante observar a sua percepção sobre a questão do preconceito, em que evidenciamos na sua fala, que o nordestino, em geral, sobre preconceito social no Brasil, em virtude de sua representação social, econômica e étnica. Nesta direção, parafraseamos Bonomi (2010) quando aponta que a identidade étnica só é entendida graças à existência de outras etnicidades que coexistem nas sociedades, que é por intermédio da coletividade que tal identidade se reconhece como diferente.

Deste modo, entendemos que tais fatos sociais são grandes influenciadores da acomodação se positivos, pois, se a expressividade nordestina é negativa em nível nacional, dificilmente um falante se adaptará ao seu jeito de falar, considerando que o seu perfil linguístico de origem pertence a uma comunidade de grande expressão socioeconômica e cultural no país.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

*Eu não gosto, eu sou porto-alegrense, parece um contrassenso, mesmo, eu não gosto, eu acho que eles tentam falar muita gíria pra ser malandro, descolado, às vezes eles usam, exageram e fica um sotaque bem chato, bem cantado, eu acho que o porto-alegrense fala cantando, baaah, sooooh, aaáí tipo assim gente, aiiii vamo pra festa, baaa, tritribou nossa festa, só porque ele falou oba festa legal. Exageram um pouco na medida, eu não gosto, mas do interior muito, o sotaque do interior eu acho muito lindo.*

(INFORMANTE 4)

Em princípio nos surpreendeu o seu posicionamento sobre o falar gaúcho, tendo em vista as respostas anteriores. Segundo a Informante 2, ela não gosta do modo de falar porto-alegrense, o que nos levaria a entender que demonstra uma atitude negativa sobre seu dialeto, fato que poderia influenciar na estratégia de divergência do seu falar e convergência do falar do novo grupo de contato.

Porém, compreendemos que tal atitude está direcionada, especificamente, à variação diastrática, pois, de um modo geral, a Informante 2, valoriza os aspectos sociolinguísticos e culturais idiossincráticos gaúchos. Ela considera, ainda, que o gaúcho, em determinadas situações, é mais bem aceito do que o nordestino. Vemos essa percepção valorativa como contribuinte para a divergência do falar do novo grupo, já que observamos a não acomodação da pronúncia das vogais médias em posição pretônica falada por teresinenses.

### **Percepção da assimilação**

*Eu acho que eu sou uma construção de vários sotaques, porque como eu já tive em vários lugares, eu não falo, quando eu volto lá pro Rio Grande do Sul, como agora, eles se queixam do meu sotaque, eles dizem que eu não tenho sotaque mais de gaúcho, mas aqui todo mundo acha que eu tenho sotaque de gaúcho, mas na verdade eu não tenho nem daqui e nem de lá, eu tenho de tudo, que eu já vivi cinco anos em Santa Catarina, adotei muitas palavras, muitas frases, muitas expressões catarinenses, também continuei em São Paulo, Rio de Janeiro. Eu procuro ser o mais neutra pra falar porque eu acho que facilita a comunicação da pessoa.*

(INFORMANTE 4)



A Informante 4 percebe a possibilidade de assimilação de outros dialetos quando há contatos. Para tanto, admite que, por sua experiência em diversos grupos, como catarinense, paulista, carioca, além do seu de origem, ela incorpora uma identidade multidialetal diante dos vários dialetos os quais já fizeram parte do seu repertório verbal.

Entretanto, como ela mesma reconhece, houve assimilação de palavras, frases e expressões, o que nos coloca diante da não acomodação de fenômenos fonético-fonológica, mediante a sua realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em que a Informante 4 conserva a sua gênese dialetal no que respeita a este nível da língua.

É interessante ressaltar a percepção da Informante 4 com relação à assimilação de outra identidade cultural. Para ela, ao adquirir outro sotaque, um indivíduo não está perdendo o seu, mas sim acrescentando, o que vai contribuir para o processo interacional de comunicação entre os interlocutores, de forma que é perceptível a interferência direta e constante dos fatos sociais e culturais sobre a língua, confirmando o que Hymes (1976) adverte, no sentido de que não podemos olhar apenas para as marcas linguísticas que as caracterizam, estudar os usos da língua vai além dessa questão, pois a língua sempre está em interação com o social.

Apesar de a Informante 4 demonstrar atitude positiva tanto sobre o seu falar de origem quanto sobre o teresinense, observamos que ela executa a estratégia de divergência do falar local, com relação à pronúncia da abertura das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.

## **Informante 5**

A Informante 5 é natural de Encantado (RS), contudo, mudou-se para Porto Alegre (RS) ainda recém-nascida. Ficamos muito curiosos pelos resultados da fala desta informante, pelo fato de ter 43 (quarenta e três) anos que reside em Teresina, ter casado com um teresinense, tido filhos nascidos aqui, ter trabalhado muitos anos em uma instituição pública federal do Estado, em que proporcionou contato diuturno com o novo grupo de contato.

No entanto, nos surpreendeu que a realização das vogais médias em pauta pretônica não sofreu o processo de acomodação, isto é, a Informante 5 continua

realizando-as fechadas ou alteadas, a depender de contextos linguísticos, de modo a evidenciar a conservação do traço dialetal de origem.

### Percepção das diferenças dialetais

*Sim, acho que falam bem diferente. Eu hoje tá difícil pra eu distinguir por eu ter muitos anos aqui, mas quando eu vou pra lá, hoje eu faço a inversão, né, antigamente eu achava aqui diferente, por exemplo, 'tu quer? Quero não'. É pra dizer não, lá a gente responderia 'não, não quero', aqui 'quero não', né [...]*

(INFORMANTE 5)

Na fala da Informante 5, percebemos que ela demonstra conhecimento diante das diferenças dialetais existentes entre o falar gaúcho e o teresinense. Para ela, é difícil caracterizá-la como pertencente a uma ou outra variedade da língua, no sentido de que, em Teresina (PI) as pessoas a reconhecem como imigrante e em Porto Alegre (RS), os seus familiares e amigos dizem que ela não é mais gaúcha.

De fato, a Informante 5 já perdeu muitos traços linguísticos característicos do falar gaúcho, pela quantidade de tempo residindo em Teresina, há 43 (quarenta e três) anos. No entanto, se podemos apontar uma marca conservada do seu falar de origem, destacamos a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, à medida que são realizadas de forma fechada ou alteada, dependendo dos contextos linguísticos favoráveis a uma e a outro fenômeno.

### Avaliação da forma de falar do teresinense

*[...] eu me incomodo quando falam mal do teresinense ou do Piauí, quando eu vou pro Sul, o pessoal fica com aquela gozação, eu digo, opa! Aí o meu esposo dizia: 'não diz que é bom pro povo não vir pra cá' [...] tu sabe que eu acho que aqui o teresinense tem menos sotaque, que eu acho que o paraibano, o pernambucano, acho feio o jeito que eles falam.*

(INFORMANTE 5)

Diante da resposta da Informante 5, percebemos que ela apresenta uma atitude positiva com relação ao falar teresinense, contudo, não é um fator condicionante para a acomodação dialetal, neste e nos outros casos, pelo fato de os informantes divergirem da pronúncia aberta das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Em contrapartida, visualizamos na resposta da Informante 5, que ela acarreta preconceito linguístico sobre alguns dialetos brasileiros. Primeiramente ela demonstra uma atitude positiva sobre o falar teresinense, mas de pronto, julga o falar paraibano como sendo feio, caracterizando, em certa medida, o preconceito social sobre os diferentes modos de falar que coexistem no Brasil.

É interessante destacar que o seu apego pelo dialeto teresinense, mesmo não acomodando as vogais médias pretônicas, é acarretado pela sua interação com os aspectos históricos, sociais e culturais do novo grupo de contato.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

*Eu não gosto, não, num acho bunito não, não gosto das músicas, eu nunca participo de CTG, nunca gostei, nunca tive aquela roupa de prenda, né, nunca gostei, eu sempre me identifiquei com o Nordeste. Impressionante!*

(INFORMANTE 5)

A resposta da Informante 5 evidencia uma atitude negativa com relação ao jeito de falar do gaúcho. Ela defende que sempre se identificou com o Nordeste e que já aprendeu vários termos daqui que são desconhecidos pelos gaúchos, expressões que aqui tem um sentido e lá outro. Realmente, percebemos que ela assimilou expressão, escolha vocabular, contudo, a pronúncia das vogais médias pretônicas é conservada, realizando fechada e alteada em quase todos os contextos analisados na fala.

### **Percepção da assimilação**

*Com certeza eu mudei muita coisa, com certeza, tanto é que as pessoas me dizem [...] também, e até assim nas palavras, tento falar mais divagar, que eu falava muito rápido.*

**(INFORMANTE 5)**

Com base na resposta da Informante 5, percebemos que ela reconhece que já assimilou muitas palavras e até mesmo a maneira como fala, destacando que o gaúcho tende a falar rápido, enquanto que o teresinense fala mais devagar.

Acreditávamos que um falante com tanto tempo de residência em Teresina, como é o caso da Informante 5, se não tivesse acomodado o falar teresinense, com respeito às vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que pelo menos estivesse em processo assimilatório de convergência linguística, por intermédio da realização percentual de aproximadamente 25% dos dados, os quais comportam as referidas vogais antes da sílaba tônica. Além do mais, ela demonstrou uma atitude positiva com relação à variedade do novo grupo, em correlação com uma atitude negativa sobre o seu dialeto de origem, fato que poderia contribuir para que, possivelmente, acomodasse ao falar teresinense.

**Informante 6**

O Informante 6 é natural de Porto Alegre (RS) e reside em Teresina há 19 (dezenove) anos. Aqui constituiu família, uma carreira profissional próspera. Tem muito contato com teresinenses, também, em sua empresa, no lar, na faculdade. Este Informante é um dos que mais visita ao Rio Grande do Sul, dos entrevistados, segundo ele, a frequência é de 2 vezes ao ano, permanecendo em média 15 (quinze) dias em sua terra natal.

**Percepção das diferenças dialetais**

*Sim, sim, que ver uma? 'Tu acredita?' Claro que eu vou acreditar! [...] não, eu não digo que substituiria, é, nós também temos uns palavriado que não cabem aqui, entendeu? Que é totalmente diferente, entendeu, o bah, o tchê [...] Quer ver uma expressão de vocês aqui que pra nós a gente não saberia? Eu sei entender, 'minino do buxão', 'esse minino é do buxão, nossa!'*

**(INFORMANTE 6)**

É evidente que o Informante 6 reconhece as diferenças entre os falares e acredita que a convivência em um novo grupo contribui para a assimilação de determinados fenômenos linguísticos. No trecho, o Informante 6 relaciona alguns exemplos de língua que demarcam diferenças entre o falar gaúcho e o teresinense, contudo, tais fatos linguísticos não têm que ver com aspectos fonético-fonológicos, mas, sobretudo com lexicais, confirmando as palavras de Pesqueira (2004, apud LIMA, 2013), que asseveram que os falantes diante de um novo grupo de contato dialetal tendem a assimilar mais rapidamente os itens lexicais, em detrimento de itens fonéticos. Esta explicação se aplica a todos os informantes participantes desta pesquisa.

### **Avaliação da forma de falar do teresinense**

*Eu acho normal, me sinto bem, me sinto um piúcho, quando você se sente, quando você respeita a cultura local, você tem grandes chances de saber conviver com isso, e isso é bom [...]*

(INFORMANTE 6)

O Informante 6 demonstra uma atitude positiva com relação ao falar teresinense, considerando-se um piúcho. Ele entende que o modo diferente de falar é normal. Compreendemos, pois, que ele valoriza tanto a sua cultura de origem, quanto a do novo grupo de contato, levando em conta que já vive em Teresina há 18 (dezoito) anos.

Destacamos, ainda, que o Informante 6 expõe que cada lugar tem o seu jeito de falar específico, que não existe “erro”, demonstrando, assim, não ter preconceito com os diferentes usos linguísticos existentes nos dialetos brasileiros. Entretanto, crê que todo nordestino sofre preconceito no país, o que nos leva a acreditar que essa percepção é um fato que tem privilegiado a divergência do falar teresinense com relação às vogais médias /e/ e /o/ em pauta pretônica.

### **Avaliação da forma de falar do gaúcho**

*Normal, se tu for lá pro Rio Grande do Sul, é natural as pessoas falarem na forma que é de lá e as pessoas pegarem alguma coisa, chamam o gaúcho, paraguaio.*

(INFORMANTE 6)

Para o Informante 6, o falar gaúcho também é normal, isto é, ele apresenta uma atitude positiva sobre o seu dialeto de origem, fato de contribui para a manutenção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Durante a entrevista, percebemos que o Informante 6 não tem gana de regressar para Porto Alegre (RS), mas tem um sentimento de pertencimento que colabora para a conservação, especialmente, de fenômenos linguísticos pertencentes ao nível fonético-fonológico.

### **Percepção da assimilação**

*Eu já tô tão acostumado [...] Nada, não, nunca, nunca, nunca, até porque o seguinte, eu sou de fora, eu que tenho que me acostumar, é eu que tô vindo pra cá, então se eu estou vindo pra cá, eu tenho que me acostumar com as coisas daqui.*

(INFORMANTE 6)

Para Calvet (2002), as pessoas tendem a valorizar a sua identidade de fala, de um lado e a modificá-la, de outro. Para tanto, tudo isso dependerá de suas atitudes linguísticas em relação aos falares em contato e de suas finalidades como sujeito atuante em um meio social.

Percebemos, todavia, que a maioria dos falantes apresentam atitudes positivas tanto sobre o seu falar de origem quanto sobre o falar do novo grupo de contato dialetal, o fato é que isso não tem contribuído para que eles acomodassem ao falar teresinense, no tocante à abertura das vogais médias pretônicas. Pensamos, então, que a acomodação dependerá principalmente da subjetividade do falante diante de fatos sociais.

#### 4.2.2 Excertos de eventos de fala

Neste tópico, apresentamos excertos de eventos de fala, seguindo as entradas explicitadas na metodologia: evento, propósito, participantes, formas de mensagem, regras de interação. Organizamos tais eventos com a finalidade de observação, mesmo que minimamente, a interação comunicativa de gaúchos com teresinenses. Apontamos que não foi o foco central da pesquisa, mas nos ajudou a fazer uma apreciação subjetiva da acomodação dos falantes com relação à realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

##### **Evento de fala 1: Encontro casual no almoço entre colegas de trabalho e orientando**

**Evento:** Discussão sobre a política brasileira.

**Propósito:** Discussão sobre a liberação de armas no Brasil.

**Participantes:** Uma professora gaúcha, um colega de trabalho e um orientando.

**Formas de mensagem:** Verbal e não-verbal (expressão facial e gestual).

**Regras de interação:** Em princípio, os participantes começam falando sobre a política de cotas nas universidades brasileiras, depois focam, especificamente, na política de liberação de armas, um assunto bem atual na realidade do Brasil.

A conversa entre a professora gaúcha, um colega de trabalho e um orientando ocorre em uma das lanchonetes da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no horário de almoço. Convém ressaltar, que em princípio estavam presentes apenas a professora e o orientando, em seguida, chegou o colega de trabalho, que também é professor da instituição, o qual sentou-se à mesa junto aos demais.

A situação política no Brasil é o ponto de partida para a discussão do evento de fala. É a partir desse assunto que é mais geral, que os específicos foram se desencadeando. Antes de falarem sobre a liberação das armas no país e suas consequências, trataram sobre a política de cotas, ligeiramente.

Hymes (1976) chama a atenção para a Etnografia da Fala que, relativamente à estrutura, busca o ato de falar, numa inter-relação entre linguagem e situação comunicativa. Nesta perspectiva, observamos, no evento de fala, que todos os participantes puderam interagir na situação de comunicação, em que cada um teve a liberdade de expressar o seu posicionamento acerca do tema debatido. É interessante ressaltar, que todos colocavam o seu ponto de vista, sem que houvesse contraposição, discordância de um deles, visto que são adeptos da mesma ideologia política relativa à liberação de armas.

Observamos que os participantes utilizavam a linguagem verbal e não-verbal (expressão facial e gestos), como formas de empreendimento da mensagem. No evento, percebemos que eles interagiram de maneira espontânea, utilizando uma linguagem mais informal.

Como o nosso objetivo foi o de observar a interação de uma falante gaúcha em uma situação comunicativa com teresinenses, recolhemos alguns trechos de sua fala para apresentarmos aqui, no intento de tentar mostrar se ela, no momento da interação como falantes do novo grupo de contato, realizou a abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ diante de contextos que contribuem para tal variação, que é característica do falar de Teresina, sobretudo diante de vogal aberta, alta ou baixa na sílaba subsequente/tônica. É interessante ressaltar que os trechos selecionados para serem apresentados aqui são, especificamente, da fala da professora gaúcha.

Para tanto, apresentamos o quadro, a seguir:

Quadro 6 – Realização das vogais médias pretônica no evento de fala 1

Trecho do evento de fala	Ocorrências das vogais médias pretônicas	Situação sociolinguística
<i>Eu r[e]tirei<sup>1</sup> ele do meu grupo de p[e]squisa<sup>2</sup> [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>[...] eu não falo sobre p[o]lítica<sup>3</sup>, sobre as minhas [o]piniões<sup>4</sup> políticas [...]</i>	Fechamento da vogal /o/	Conservação da fala de origem: não acomodação



<i>[...] a senhora vai <b>v[o]tar</b><sup>5</sup> em quem? [...]</i>	Fechamento da vogal /o/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>Eu <b>[e]spero</b><sup>6</sup> que a senhora use o bom senso.</i>	Fechamento da vogal /e/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>Olha, eu sou <b>t[o]talmente</b><sup>7</sup> contra as armas [...]</i>	Fechamento da vogal /o/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>[...] quando for <b>lib[e]rada</b><sup>8</sup>, a primeira coisa que vou fazer é comprar uma e trazer pra UFPI [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>[...] é <b>h[o]m[o]ss[e]xual</b><sup>9</sup> <b>r[e]primido</b><sup>10</sup> [...]</i>	Fechamento das vogais /e/ e /o/	Conservação da fala de origem: não acomodação
<i>[...] todo mundo torra no <b>m[e]rcado</b><sup>11</sup> [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Conservação da fala de origem: não acomodação

Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

No quadro 6, podemos observar, nos 11 (onze) casos de ocorrência de vogal média /e/ ou /o/, que elas foram pronunciadas, respeitando o fechamento. Destacamos esses casos, em que há a presença de vogal aberta, alta ou baixa na sílaba subsequente/tônica, porque nesses contextos o teresinense tende a abaixar a vogal média pretônica em uns casos, ou altear em outros. Assim: pronunciaria: *r[ɛ]tirei*, *p[ɛ]squisa*, *p[ɔ]lítica*, *[ɔ]piniões*, *v[ɔ]tar*, *[ɛ]spero* *t[ɔ]talmente*, *lib[ɛ]rada*, *h[ɔ]m[ɔ]ss[ɛ]xual*, *r[ɛ]primido* e *m[ɛ]rcado*.

Partindo da ótica de Hymes (1976) sobre a mudança de código, que pode ser bilingual, entre línguas distintas ou bidialetal, entre variedades de uma mesma língua, que nos centramos na acomodação da pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ fala por gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses. Diante desse contexto, podemos concluir que a informante investigada não apresenta mudança na

sua fala a respeito do fenômeno da abertura das vogais, em detrimento do fechamento, como ocorre na sua fala de origem.

### **Evento de fala 2: Capacitação para servidores de uma empresa de Teresina**

**Evento:** Treinamento com funcionários.

**Propósito:** Capacitação de servidores para a promoção de eventos infantis.

**Participantes:** A gerente da empresa e três funcionários.

**Formas de mensagem:** Verbal e não-verbal (expressão facial, corporal e gestual).

**Regras de interação:** A gerente tem o privilégio exclusivo da fala, considerando que ela dá o treinamento aos servidores. Contudo, no decorrer da capacitação, há troca de informações e ideias entre os participantes e exposição de comentários sobre determinados aspectos que envolvem a promoção dos eventos infantis promovidos pela empresa.

Este evento de fala ocorreu em uma empresa de promoção de festas infantis em Teresina (PI), cuja gerência é conduzida por uma gaúcha, com residência na cidade há exatamente 4 (quatro) anos. Na ocasião, estavam presentes como participantes da interação comunicativa, além da gerente, 3 (três) funcionários teresinenses, que passavam por uma capacitação.

Em princípio, a gerente detinha o turno de fala, para dar as instruções de como os funcionários devem se portar nos eventos infantis, no que respeita a recepção e a apresentação das festas, que é sempre mediada por um Mestre de Cerimônia. Na realidade, o principal objetivo da capacitação era capacitar os servidores para que eles pudessem guiar as apresentações futuras.

A interação comunicativa entre os participantes foi mediada pelas formas de mensagem verbal e não-verbal (expressão verbal, corporal e gestual). Durante a execução do evento de fala, houve bastante troca de informações e diálogos entre os participantes, dado momento em que observamos como a falante gaúcha promove a interação com os falantes teresinenses. Convém ressaltar, que, de início, a gerente

tentou se posicionar diante dos servidores formalmente, mas depois que começaram as encenações por parte dela, para mostrar aos eles o modo que deveriam proceder como Mestres de Cerimônia nos eventos, observamos a mudança de estilo, o qual tornou-se mais informal, espontâneo.

Diante da observância da realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala da gaúcha, a fim de averiguar se a realização se dava fechada ou alteada, a depender de alguns fatores linguísticos, elaboramos o seguinte quadro, para mostrar trechos das falas e os casos em que ocorrem as vogais elencadas.

Quadro 7 – Realização das vogais médias pretônica no evento de fala 2

Trecho do evento de fala	Ocorrências das vogais médias pretônicas	Situação sociolinguística
<i>Não, e ela <b>m[o]vimenta</b><sup>1</sup> [...]</i>	Fechamento da vogal /o/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
<i>[...] Fomos enviados pela Rainha Xuxa para deixar essa festa ainda mais <b>div[e]rtida</b><sup>2</sup></i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
<i>[...] <b>acr[e]dito</b><sup>3</sup> que vai ficar em pânico [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
<i>[...] deixa o público <b>r[e]sponder</b><sup>4</sup> [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
<i>Não, não <b>pr[e]cisa</b><sup>5</sup> fazer isso [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
<i>[...] ó o <b>pr[e]conceito</b><sup>6</sup>!</i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação

[...] <i>ah, tá vamu fazê uma</i> <b>s[e]  [e]ção<sup>7</sup></b>	Fechamento das vogais /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
[...] <i>isso aí tem que</i> <b>[o]bs[e]rvar<sup>8</sup> muito [...]</b>	Fechamento da vogal /o/ e /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
[...] <i>num é m[e]lhor<sup>9</sup> mudá a brincadêra? [...]</i>	Fechamento da vogal /e/	Divergência do falar teresinense: não acomodação
[...] <i>aquele parabéns que vocês</i> <b>c[o]  [o]caram<sup>10</sup> [...]</b>	Fechamento da vogal /o/	Divergência do falar teresinense: não acomodação

Fonte: (Elaboração nossa, 2019).

Diante dos dados apresentados no quadro 7, podemos perceber que, em relação à pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, a falante demonstra a estratégia de divergência linguística relativa ao jeito de falar teresinenses, o que dá provas da não acomodação da abertura das vogais, sobretudo, nos contextos linguísticos previstos para a seleção dos exemplos, como a vogal aberta, alta ou baixa na sílaba subsequente/tônica.

Por conseguinte, os exemplos destacados são pronunciados pelos teresinenses, assim: *m[ɔ]vimenta, div[ɛ]rtida, acr[ɛ]dita, r[ɛ]sponder, pr[ɛ]cisa, pr[ɛ]conceito, s[ɛ]||[ɛ]ção, [ɔ]bs[ɛ]rvar, m[ɛ]lhor e c[ɔ]||[ɔ]caram*. Quando não abertas as vogais médias pretônicas, os teresinenses as realizam alteadas. Não fizemos nenhuma referência às realizações alteadas na fala gaúcha, porque não é um ponto de divergência com o falar teresinenses, por ser um fenômeno comum aos dois dialetos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, destacamos que a realização das vogais médias /e/ e /o/ possui uma realização complexa no contexto de fala brasileiro, a depender da região em que se fala. Dado isto, encontramos, por intermédio do levantamento bibliográfico, que em Teresina há uma variação tripartite, Silva (2009), em que tais vogais podem ser realizadas abertas, fechadas ou alteadas. Já no contexto de fala gaúcho, elas podem se realizar fechadas e alteadas, em que persiste uma regra de harmonia vocálica, Bisol (2014).

Diante desta complexidade variacional e das diferenças dialetais entre um falar e outro, foi que lançamos mão da presente pesquisa, com intuito de investigar a acomodação dialetal, tendo como objeto de pesquisa a fala do gaúcho residente em Teresina, há no mínimo dois anos, a fim de verificar se eles acomodaram a realização da abertura das vogais médias em, pauta pretônica. Isto é, observamos se estão pronunciando as referidas vogais abertas ou fechadas, já que este é o ponto divergente entre os dois dialetos.

Para alcançarmos os resultados, fizemos um estudo teórico sobre a Teoria da Variação, a Teoria da Acomodação da Comunicação e Etnografia da Fala, as quais deram suporte às análises, que foram divididas em quantitativa, para ver quais fatores linguísticos e extralinguísticos estão contribuindo para o processo de acomodação e qualitativa, para verificar quais são as atitudes linguísticas dos falantes diante do seu dialeto de origem e do novo grupo de contato comunicativo, bem como a interação com o teresinense, mediada pela observação de dois informantes.

A dualidade da análise foi fundamental para que pudéssemos chegar aos resultados da pesquisa, pois nos proporcionou uma interpretação mais confiável dos dados. Neste sentido, uma nos possibilitou uma análise estatística sobre fatores linguísticos e sociais e a outra uma análise interpretativa e subjetiva sobre a acomodação do novo dialeto ou conservação do falar de origem, por parte dos informantes gaúchos.

Com a análise quantitativa, chegamos ao resultado de que os falantes gaúchos não acomodaram a abertura da vogal /e/ da fala dos teresinenses, uma vez que o programa Goldvarb X apresentou como resultados que, dentre os fatores linguísticos e extralinguísticos elencados para as rodadas, apenas a vogal da sílaba subsequente

possui um grau de significância, em detrimento do contexto fonológico precedente e subsequente e estilo.

Sobre os fatores extralinguísticos frequência de visitas à comunidade de origem e tempo de residência em Teresina (PI), o programa não os apontou como relevantes, uma vez que os dados não indicaram que os falantes estão realizando a vogal média pretônica /ɛ/ em detrimento de /e/. Esta implicação nos leva a concluir que há divergência linguística sobre o referido fenômeno.

Sobre a realização da abertura da vogal média pretônica /o/, o programa selecionou como significantes e, na ordem de relevância, os seguintes fatores linguísticos: contexto fonológico subsequente, vogal da sílaba subsequente, contexto fonológico precedente e estilo. Estes são os fatores linguísticos que foram indicados pelo programa em grau de importância para a realização da abertura da vogal. Porém, é importante ressaltar que os dados encontrados são insuficientes para concluir que os falantes gaúchos acomodaram ou que estão em processo de assimilação. Esperávamos que o fator extralinguístico tempo de residência em Teresina fosse mais significativo para o processo de acomodação dos falantes gaúchos, em relação às vogais médias pretônicas, considerando que tivemos acesso a uma informante que vive na cidade há mais de quatro décadas. Em outras palavras, este fator foi surpreendente pelo fato de não haver convergência linguística com respeito à realização da abertura da vogal média, no sentido de que pesquisas revelam que o tempo de contato dialetal é um aspecto de grande significância para o processo de acomodação. Acreditamos, sim, ser importante, mas é imprescindível observar as questões socioculturais que envolvem a cadeia de relacionamento/comunicação e representação local/regional que os informantes adquirem na esfera social.

Qualitativamente, concluímos que mesmo que os falantes gaúchos construam uma atitude positiva sobre o dialeto do novo grupo de situação de contato, eles adotam a estratégia de divergência linguística. Todavia, este resultado não quer dizer que os informantes queiram se afastar ou se excluir do novo grupo, pelo contrário, eles preservam a sua forma de falar com o intuito de serem bem aceitos na comunidade teresinense, já que acreditam que o gaúcho, por pertencer a um esfera de prestígio social, cultural e econômico no país, possuem uma maior recepção e aceitação no território brasileiro.

Depreendemos, ainda, que os aspectos sociais sobre a língua têm contribuído bastante para a escolha de estratégia linguística dos informantes, a depender,

sobremaneira, de sentimento de pertencimento e valorização de sua origem, diante do contexto nordestino. Neste sentido, um fato relevante seria a questão da imagem da região em nível nacional, visto que, segundo os informantes, os teresinenses por serem nordestinos, sofrem preconceito e discriminação social no Brasil e o gaúcho não. Nesta medida, acreditamos que esta questão explica a estratégia de divergência linguística, exposta pelos falantes gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses, que puderam ser constatadas por intermédio dos eventos de fala, os quais foram capazes de evidenciar a interação comunicativa entre os interagentes de diferentes dialetos. Quer dizer, por intermédio da observação do contato dialetal com o teresinense, constatamos (considerando os dados das atitudes linguísticas) que o gaúcho, mesmo avaliando positivamente o falar do novo grupo, mantém a sua imagem de sulista, a fim de ser melhor aceito, conferindo ao interlocutor o seu pertencimento a uma cultura prestigiosa.

Com esta pesquisa, buscamos investigar a acomodação da abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ por parte de falantes gaúchos. Assim, pudemos verificar quais foram os fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para o processo de acomodação dialetal, de modo que ficou evidente que a própria subjetividade dos informantes diante do novo grupo exerce um papel preponderante diretamente no processo, permitindo-nos concluir que não houve acomodação dialetal.

Por fim, a investigação apresentou algumas limitações no tocante ao fazer sociolinguístico, em virtude da dificuldade de acesso aos informantes, os quais somam um número baixo com residência em Teresina (PI). Contudo, pensamos que uma proposta que considere fatores sociais como idade, sexo e escolaridade fosse possível de realização para uma pesquisa futura, podendo ser executada por outros pesquisadores interessados pela Ciência do uso da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. Um traço regional na fala culta de Salvador, **Organon**, n. 18, p. 79-89, 1991.
- BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In.: BISOL, Leda. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 166-168.
- BISOL, Leda. Vogais pretônicas. In.: \_\_\_\_\_. BATTISTI, Elisa. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 19-33.
- BONOMI, Milin. Entre divergencia y acomodación: el caso de los inmigrantes hispanos en Barcelona y Milán, **Lengua y migración**, 2:2, p. 49-66, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002, p. 57-78.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CARVALHO, Lucirene da Silva. **Os róticos em posição de coda**: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense. 2009. 267f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- CARVALHO, Solange. Convergência e divergência na acomodação dialetal: uma questão de identidade. **Cadernos do CNLF**, v. XVIII, n. 12, p. 49-75, 2014.
- CELIA, Gianni Fortis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES**. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- CEZARIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2015, p. 141-156.
- CHAVES, Idalena Oliveira. Panorama dos estudos das vogais pretônicas do Português do Brasil, **Vozes dos Vales**, ano III, n. 6, p. 1-25, out. 2014.
- COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes. **Pelas falas do Canto**: uma etnografia. 1988. 316f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, 1988.
- DAMASCENO, Marli Ferreira de Carvalho. **A vogal átona final no falar do picoense**: uma investigação sociolinguística. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, 2012.



DIAS, M. P.; CASSIQUE, O.; CRUZ, R. C. F. O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 5, n. 9, agosto de 2007.

DIAS, Melina Rezende. Alçamento das vogais médias pretônicas na cidade Ouro Branco-MG, **Via Litterae**, v. 3, n. 1, p. 99-110, jan./jul., 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In.: \_\_\_\_\_; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 11-30.

GILES, H.; OGAY, T. Communication Accommodation Theory. In.: WHALEY, B. B.; SAMTER, W. (Eds.). **Explaining communication**: contemporary theories and exemplares, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 293-310.

\_\_\_\_\_; TAYLOR, D; BOURHIS, R. Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. **Language in Society**, 2, p. 177-192, 1973.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa:GO**: a pronúncia das vogais médias pretônicas. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2008.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HYMES, D. La sociolingüística y la etnografía del habla. en Ardener, E. (ed.) **Antropología social y lenguaje**, Buenos Aires, Paidós, 1976, pp. 115-152.

JANG, Ji Son. La dinámica de la alternancia entre tú, vos y usted en Medellín (Colombia) desde la teoría de la acomodación comunicativa, **Forma y función**, vol. 25, Bogotá, Colombia, p. 129-144, jan./jul., 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Cândida Maria Britto. Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social, **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40 (2), p. 1017-1028, maio/ago. 2011.

LIMA, Izete de Sousa. **Acomodação dialetal**: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2013.

LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais**: uma etnografia. Teresina: EDUFPI, 1996.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso da história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. 158f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

NOLL, Volker. **O português brasileiro**: formação e contrastes. Tradução do alemão por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

NUNES, Ana Maria da Silva. **O hiperbissismo na fala dos teresinenses**: variação ou mudança? 2014. 193f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, 2014.

SANTOS, Gessielma Aparecida de Sousa. **Um estudo sociolinguístico de contato dialetal**: interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses no sul do Piauí, 2016, 144f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, 2016.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In.: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 161-182.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009, 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Thaís Cristófaros Silva. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Paloma Freire de Queiroz; LUCENA, Rubens M. A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos na Paraíba, **ABRALIN**, v. 14, n. 1, p. 431-468, jan./jun. 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Ficha de Caracterização dos Informantes****Ficha de Caracterização dos Informantes**

1. Sexo: ( ) F ( ) M

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Natural de qual cidade do Rio Grande do Sul:

\_\_\_\_\_

4. Tempo em que reside em Teresina:

\_\_\_\_\_

5. Naturalidade dos pais:

\_\_\_\_\_

6. Costuma visitar o Rio Grande do Sul? ( ) Sim ( ) Não

7. Se a resposta da anterior for sim,

Diga qual a frequência:

\_\_\_\_\_

Quanto tempo costuma ficar?

\_\_\_\_\_

8. Com quem reside em Teresina?

\_\_\_\_\_

9. Tem filhos nascidos em Teresina? \_\_\_\_\_

Quantos? \_\_\_\_\_

Qual a idade? \_\_\_\_\_

10. Convive com teresinenses:

No lar ( )

Na escola ( )

No trabalho ( )

Na vizinhança ( )

Outros:

\_\_\_\_\_

11. Qual o seu nível de escolaridade:

\_\_\_\_\_

12. Qual a sua profissão?

\_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (LINGUÍSTICA) – PPGEL**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) senhor (a).

Esta pesquisa intitulada “Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses”, está sendo desenvolvida por Thiago de Sousa Amorim, aluno do Curso de Pós-graduação em Letras (Linguística), da Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação da Profa. Dra. Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa e coorientação da Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho.

O trabalho tem por finalidade contribuir com o mínimo que seja para a comunidade acadêmica e sua formação sociolinguística, de forma a fomentar debates e incitar novas pesquisas na presente área, sob o viés da acomodação dialetal.

Assim, esclarecemos que a sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer nenhum tipo de informação e colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Asseguramos-lhe que a sua identidade será preservada, por questões éticas.

Após os esclarecimentos sobre a pesquisa e a aceitação da participação, você deve assinar duas vias deste documento, uma para você e a outra para os pesquisadores. Em caso de recusa ou de desistência, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, poderão, inclusive, entrar em contato com o Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí.

## **ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA**

**Título do Projeto:** “Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses”;

**Pesquisador Responsável:** Thiago de Sousa Amorim;

**Pesquisadora Principal:** Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa;

**Pesquisadora Colaboradora/Coorientadora:** Lucirene da Silva Carvalho;

**Contato do pesquisador Responsável:** (086) 99831-3151;

**Contato da Pesquisadora Principal:** (086) 98831-7850;

**Contato da Colaboradora/Coorientadora:** (86) 99447-0393;

**E-mail:** tyagoamorim25@hotmail.com - costacatarina@uol.com.br - lucirene-carvalho72@gmail.com.

## **DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

Este projeto trata, especificamente, das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica faladas por gaúchos residentes em Teresina-PI. Daremos um trato Sociolinguístico no que diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando as diferenças dialetais existentes entre essas variedades de fala. Propomos, com esta pesquisa, compreender o processo de acomodação dialetal das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses.

Para tanto, a pesquisa só será possível de se realizar, a partir de sua autorização para participar, voluntariamente como informante do trabalho. Dado o seu consentimento, faremos entrevistas que serão gravadas por um aplicativo para *Android*. Comprometemo-nos de resguardar de qualquer exposição pública todas as gravações e transcrições de fala realizadas. Nas entrevistas teremos um diálogo guiado por um roteiro, um questionário que deverá ser respondido, oralmente e um pequeno texto a ser lido. Assim, os participantes terão um código criado por nós, a fim de manter o sigilo de identidade.

## **INFORMAÇÕES RELEVANTES**

### **Garantia de acesso**

O acesso de cada etapa da pesquisa está completamente garantido. Este contato está abertamente livre por intermédio dos pesquisadores: Thiago de Sousa Amorim ((086) 99831-3151), Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa ((086)

98831-7850) e Lucirene da Silva Carvalho ((86) 99447-0393). E-mails: tyagoamorim25@hotmail.com - costacatarina@uol.com.br - lucirene-carvalho72@gmail.com.

Ainda em caso de dúvida ou sugestões sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí, através do contato: (086) 3237-2332 ou e-mail: [cep.ufpi@ufpi.edu.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.edu.br).

### **Garantia de sigilo**

Caso aceite contribuir com a pesquisa, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, uma vez que você, através de solicitação, o pesquisador, a orientadora, a coorientadora e o CEP terão acesso às informações concedidas para verificar o andamento e os resultados do estudo.

### **Riscos e benefícios**

A presente proposta de pesquisa na comunidade de Teresina, reunindo um grupo de falantes de origem gaúcha, apresenta riscos mínimos aos informantes. Os riscos propensos a suceder é o fato de que eles serão convidados a realizar as atividades propostas nos instrumentos de coleta de dados e, neste momento podem apresentar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de sua vida particular, de modo a construir certo constrangimento e desconforto entre pesquisador e informante.

Contudo, temos a preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a ser utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a ser utilizadas nos instrumentos, atentando para a presença de tópicos de sensibilidade, de sigilo, de confidencialidade e de anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo e preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos de pesquisa.

A investigação está pautada no respeito ao participante, assegurando-lhe sua vontade de contribuir e permanecer ou não na pesquisa, por meio da manifestação expressa, livre e esclarecida. Assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando sua inteireza e dignidade durante e depois da pesquisa, conforme os padrões estabelecidos pela Instituição na qual será feita a pesquisa.



## PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO

Ao voluntário fica assegurado o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo sem qualquer prejuízo de contiguidade do acompanhamento.

Eu,

\_\_\_\_\_, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos os quais serei submetido e aos possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir a qualquer momento, sem que haja implicações e prejuízos à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido o anonimato e o sigilo dos dados referentes à identificação. Estou ciente também que esta participação não me trará nenhum benefício econômico.

Diante disso, declaro o meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Teresina, PI, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

## APÊNDICE C – Questionário: Entrevista Estruturada

### ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA E PERCEPÇÃO DO INFORMANTE

#### Estilo entrevista estruturada

1. O que motivou a sua mudança para Teresina?
2. Relate sobre a sua vida aqui e das diferenças existentes entre a cultura gaúcha e a piauiense.
3. Você concorda que os melhores anos são os vividos na infância? Relate a sua.
4. Fale um pouco sobre a sua família.
5. Como era o seu relacionamento com os seus irmãos na infância? E como é a relação com eles hoje?
6. Você gostou dos seus primeiros anos escolares? Ainda se lembra do seu primeiro professor ou professora? E qual a matéria que você mais gostava?
7. Algum professor marcou a sua vida escolar?
9. O que você acha das palavras: família e amizade?
10. E na vida adulta, algum fato o(a) marcou?
11. Os sonhos rondam a nossa vida. Você possui algum sonho? Qual a sua relação com ele?
12. Qual a sua profissão? Fale um pouco sobre ela.
13. Você acha que os teresinenses apresentam diferenças na fala em comparação com o gaúcho? O que você acha da forma como eles falam?
14. Você percebe alguma diferença entre o falar gaúcho e o teresinense?
15. Você já sofreu algum preconceito em Teresina?
16. Há algo que o(a) incomoda no falar dos teresinenses? O quê? Por quê?
17. Qual o seu posicionamento sobre o falar do Rio Grande do Sul?
18. Para você, o falar teresinense sofre alguma discriminação no Brasil? E o falar teresinense?
19. O que você acha do preconceito com relação à língua que existe entre os estados brasileiros?
20. Para você, houve alguma diferença na sua fala após vir para Teresina? Justifique.
21. O que você acha que contribuiu para a mudança no seu falar?

## APÊNDICE D – Texto para leitura

### Estilo leitura

#### **ELIS, ESSA MULHER!**

Polêmica, temperamental, franca, provocante, rebelde. Assim era a gaúcha Elis Regina. De grande prestígio, tinha vários apelidos, dentre eles, Pimentinha, Hélice Regina, Elis-cóptero, Furacão, Baixinha.

Foi a novidade musical da década de sessenta, tornando-se a maior cantora da Música Popular Brasileira de todos os tempos. A elétrica colheu os melhores frutos com a sua voz afinadíssima. Era agregada ao Clube do Guri, em que obteve um destaque profissional na Rádio Farroupilha, nas apresentações aos domingos. A pequena começou a cantar ainda menina, sua grande inspiração foi Ângela Maria.

Elis foi o brado de protesto que ninguém pôde calar no movimento ditatorial brasileiro, um modelo para seus sucessores. Era feliz nas escolhas musicais. No auge de sua carreira, interpreta as canções “Romaria”, de Renato Teixeira, “Como nossos pais”, de Belchior e “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, que ficaram eternizadas em sua voz.

Na vida de Elis não tinha moleza. Politizada e muito segura do que fazia e falava, ela tinha sempre a resposta na ponta da língua. Abaixo seguem algumas de suas frases muito conhecidas.

*"O Brasil de hoje é governado por um bando de gorilas".*  
*"A verdade é que Nara Leão canta muito mal, mas fala muito bem. No fundo, esta confusão toda é altamente promocional para ela".*  
*"Você é veado ou me acha uma merda?".*  
*"Eles queriam que eu andasse vestida de prenda ou de bombacha, tomasse chimarrão em vez de uísque e andasse a cavalo no Rio de Janeiro. Não sou cidadã de Porto Alegre, sou cidadã do mundo (...) Não posso perder tempo em ser uma gaúcha quando preciso ser uma brasileira".*  
*"Eu sou foda para escolher repertório".*  
*"Aprendi que a vida é feita de dois lados. Você precisa conhecer o lado torto para conhecer o lado bonito. Então, nesse sentido, todas as experiências pelas quais nós passamos são absolutamente válidas".*  
*"Amo a música, acredito na melhoria do planeta, confio em que nem tudo está perdido, creio na bondade do ser humano e intuo que a loucura é fundamental. Agora só me faltam carneiros e cabras pastando solenes no meu jardim. Viver é ótimo".*

Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/03/18/confira-frases-ardidas-que-fizeram-elis-ganhar-o-apelido-de-pimentinha.htm>>. Acesso em 13 abril 2018.

Desta forma, relembramos um pouco da nossa grande diva da Música Popular Brasileira. A benção Elis Regina!

**ANEXOS**

**ANEXO 1 – Carta de Encaminhamento**

Teresina, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

Prof. Dr. Herbert de Sousa Barbosa.

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI

Caro Prof.,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado “Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses”, para a apreciação por este comitê.

Confirmando que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução 466/12 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).

Confirmando também:

- 1- que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

**Pesquisadora responsável**

Assinatura:

Nome: Thiago de Sousa Amorim

CPF: 757.370.351-15

Instituição: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Área: Letras (Linguística)

Departamento: Letras

**ANEXO 2 – Declaração dos Pesquisadores****Declaração dos Pesquisadores**

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP  
Universidade Federal do Piauí

Eu (nós), Thiago de Sousa Amorim e Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa, pesquisadores responsáveis pela pesquisa intitulada “Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses”, declaramos que:

- Assumimos o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12 , de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004);
- Assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir os objetivos previstos nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade de Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa da área de Letras da UFPI; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa;
- Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- O CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- O CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Thiago de Sousa Amorim  
CPF: 757.370.351-12

---

Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa  
CPF: 047.343.433-49

**ANEXO 3 – Termo de Confidencialidade****TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** “Acomodação da vogal média pretônica na fala de gaúchos em situação de contato dialetal com teresinenses”;

**Pesquisador responsável:** Thiago de Sousa Amorim;

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí – UFPI / CCHL;

**Telefone para contato:** (086) 99831-3151;

**Local da coleta de dados:** Teresina-PI.

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados através de ficha de campo, questionários e gravações de entrevistas, de pessoas de naturalidade gaúcha que residem em Teresina-PI. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Letras da UFPI por um período de dois anos sob a responsabilidade da Sra. Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa (professora do quadro efetivo do Departamento de Letras da UFPI e professora do Mestrado em Letras). Após este período, os dados serão destruídos.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Thiago de Sousa Amorim  
Pesquisador Responsável

---

Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa  
Pesquisadora Principal